

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Programa em Teoria da Literatura



**QUOD LIBET**  
ou  
***Prefácios* de Nicolaus Notabene**

**Susana Courteilles Ribeiro Lopes Janic**

Mestrado em Teoria da Literatura  
2012

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Programa em Teoria da Literatura



**QUOD LIBET**  
OU  
***Prefácios* de Nicolaus Notabene**

Susana Courteilles Ribeiro Lopes Janic

Dissertação orientada pelo  
Professor Doutor José M. Miranda Justo

Mestrado em Teoria da Literatura

2012

## **Agradecimentos**

No momento de apresentar este trabalho, é devido o reconhecimento a todos aqueles que de uma maneira mais directa contribuíram para a sua concretização.

Em primeiro lugar, uma palavra de agradecimento ao meu orientador, o Professor Doutor José Miranda Justo, pela disponibilidade com que aceitou orientar-me neste estudo, a quem devo a inspiração hamanniana, que, desde o início, funcionou como um estímulo para eu continuar.

Agradeço à Doutora Elisabete Sousa ter-me proposto como colaboradora para a tradução das obras de Kierkegaard e me ter incitado a tirar o mestrado.

Ao Professor Doutor Miguel Támen, agradeço a hábil orientação durante o seminário de orientação que ajudou a circunscrever a problemática dos *Prefácios*.

À minha amiga e primeira orientadora, Doutora Celeste Pedro, agradeço por ter sido um apoio nos momentos difíceis da minha vida.

À minha filha Sara que sempre esteve a meu lado em todas as situações e ao meu filho David que me ensinou a rever os valores da existência, agradeço a felicidade.

Agradeço ao meu marido Paul Janic, por ter tido comigo tantas conversas sobre Kierkegaard, por me ter facultado um novo idioma, e por me ter introduzido no mundo do espírito.

**Para o Paul**

## **Resumo**

Perante a obra *Prefácios* é legítimo colocar a pergunta – porquê escrever um livro só de prefácios? A tese procura responder a esta questão, considerando as razões externas que motivaram a sua escrita, e as razões mais profundas que apontam para o âmago da filosofia de Kierkegaard. Esta tese também defende que uma leitura da obra *Memoráveis Socráticas* de Hamann possibilita uma interpretação mais rica da obra *Prefácios*, procedendo-se a uma análise comparativa entre as duas obras, com base no conceito de intertextualidade.

### **Palavras-chave:**

**Heiberg – Hegel – Sócrates – Hamann – género – fragmento – ironia – subtexto**

## **Abstract**

We will face the question raised by the work *Prefaces* – what is the idea of writing a book made only of prefaces? This dissertation wants to find an answer to this subject, and will consider both the outer reasons for its conception, and the deeper motivations rooted in Kierkegaard's philosophy. The thesis also argues that the *Socratic Memorabilia*, written by Hamann, can help to a better understanding of *Prefaces*, and a comparative analysis of them both will be made, based on the concept of intertextuality.

### **Key-words:**

**Heiberg – Hegel – Socrates – Hamann – genre – fragment – irony – subtext**

# ÍNDICE

|  |           |
|--|-----------|
| <b>AGRADECIMENTOS.....</b>   | <b>3</b>  |
| <b>RESUMO/ABSTRACT .....</b>   | <b>4</b>  |
| <b>ÍNDICE.....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>7</b>  |
| <br>   |           |
| <b>CAPÍTULO I: A literatura polêmica ou <i>Prefácios</i> como gênero literário.....</b>  | <b>13</b> |
| 1. Heiberg e a teoria do gênero .....  | 14        |
| 2. Martensen e a polêmica dogmática.....   | 23        |
| 3. Hamann e Notabene: uma questão de intertextualidade.....                              | 28        |
| <br>   |           |
| <b>CAPÍTULO II: A filosofia em fragmentos ou <i>Prefácios</i> como filosofia .....</b>   | <b>40</b> |
| 1. O fragmento como forma de pensar .....  | 41        |
| 2. Hegel e o sistema .....   | 48        |
| 3. A ironia socrática .....  | 56        |
| <br>   |           |
| <b>CAPÍTULO III: A dádiva ao leitor ou <i>Prefácios</i> como relação dialógica .....</b> | <b>61</b> |
| 1. A comunicação com o indivíduo singular .....  | 62        |
| 2. A filosofia da interioridade e o silêncio .....                                       | 66        |
| 3. A existência cristã e o sacrifício .....  | 70        |
| <br>   |           |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>  | <b>76</b> |

Sócrates, contudo, não se fez autor [...] e qualquer *quod libet* da vida ou das relações humanas lhe servia para espalhar a semente da verdade.

Hamann<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Johann Georg Hamann (1730 - 1788), autor de *Memoráveis Socráticas*, tradução, notas, cronologia e posfácio de José M. Miranda Justo. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999, p. 72.

# Introdução

*Forord, Prefácios* em português, é uma obra «que agrada» – *Quod libet*<sup>2</sup> –, da autoria de Nicolaus Notabene<sup>3</sup>, um pseudónimo de Søren Aaby Kierkegaard, e foi de facto com muito agrado, que a traduzi há dois anos. Esta obra foi publicada em 1844, com o subtítulo *Leitura divertida para pessoas de certas classes segundo o tempo e a ocasião*. A presente dissertação tem por objecto essa pequena obra que me motivou para o estudo de Kierkegaard e para um mestrado no Programa em Teoria da Literatura da F.L.U.L. Escolho pois este problema para o exercício da *disputatio*, seduzida por este autor e por este livro, muito negligenciado pelos especialistas, que combina uma linguagem humorística a um pensar absolutamente contundente.

A obra *Prefácios* é geralmente vista em função das suas motivações externas mais directas, como uma obra declaradamente polémica, altamente satírica contra um contemporâneo, Johan Ludvig Heiberg<sup>4</sup>, além de também visar outro, o teólogo dinamarquês, Hans Lassen Martensen<sup>5</sup>. Pretendo aqui reflectir sobre as motivações mais profundas do autor para a escrita da obra, defendendo que o leitor pode ter uma perspectiva hermenêutica mais ampla de *Prefácios*, através da leitura da obra *Memoráveis Socráticas* de Johann Georg Hamann, bem conhecida de Kierkegaard, e por ele citada na epígrafe de *O Conceito de Angústia*.

---

<sup>2</sup> A expressão latina «quod libet» significa «que agrada». Com valor substantivo é usada na filosofia escolástica para designar um problema qualquer que sirva de exercício para o debate, i.e. à «disputatio».

<sup>3</sup> O primeiro nome indica «a vitória do povo» (ou seja, uma indicação de que ele seria contra o domínio de uma elite), o segundo nome aponta para um comentário apenso, um NB, que encontramos aliás com frequência, insistentemente espalhado nos diários de Kierkegaard e ligado a muitos dos seus projectos literários, o que revela desde já uma forma de pensar aditiva e de algum modo fragmentária, como procuraremos ver adiante na tese. Por outro lado, as iniciais N.N. significam em latim *nomen nescio*, i.e. um desconhecido, ninguém.

<sup>4</sup> Johan Ludvig Heiberg (1791-1860), autor dramático, crítico literário e introdutor de Hegel na Dinamarca.

<sup>5</sup> Hans Lassen Martensen (1808-1884). Em 1840 obtém o lugar de professor de teologia na Universidade de Copenhaga, e em 1854 sucede a Jacob Peter Mynster como bispo da Zelândia.

Esta obra muito conhecida, *O Conceito de Angústia. Uma Reflexão simples Psicologicamente Demonstrativa em Direcção ao Problema Dogmático do Pecado Original*, da autoria de Vigilius Haufniensis, outro pseudónimo de Søren Kierkegaard, surge a 17 de Junho de 1844, em simultâneo com *Prefácios*, e imediatamente na sequência da publicação, a 13 de Junho de 1844, de *Migalhas Filosóficas ou uma Migalha de Filosofia*, da autoria de Johannes Climacus, ainda outro pseudónimo de Kierkegaard. Este quadro de publicações tem por fim estabelecer relações ideológicas e conceituais com estas outras obras, que representam, pelo menos parcialmente, um ataque e uma resposta ao hegelianismo dinamarquês. Há também que assinalar a tese de dissertação de S. A. Kierkegaard, *Sobre o Conceito de Ironia com Constante Referência a Sócrates*, com a qual inevitavelmente teremos de nos confrontar na presença deste texto eminentemente irónico.

A circunstância que provoca esta obra foi a publicação em Dezembro de 1843 da revista *Urania*<sup>6</sup>, de que Heiberg era editor, e que foi apresentada com uma encadernação elegante e como uma sugestão de presente para a época natalícia. Heiberg tinha criticado anteriormente a obra *Ou-Ou*<sup>7</sup> de Kierkegaard, editada sob o pseudónimo de Victor Eremita. Em Fevereiro de 1844, Heiberg escreve também um posfácio explicativo<sup>8</sup> sobre o propósito de *Urania*, que fora publicada sem nenhum prefácio. Evidentemente que a confusão gerada entre prefácio e posfácio, e a declaração de intenções posterior à sua edição, é matéria-prima para o sarcasmo de Notabene. *Urania* despertou nele de imediato o projecto de um texto com o título de «Presente de Ano Novo», que nunca foi publicado isoladamente, mas que foi integrado na obra *Prefácios*. No diário de 1844, afirma sobre este projecto

---

<sup>6</sup> J. L. Heiberg, «Det Astronomiske Aar» [O Ano Astronómico], *Urania Aarbog for 1844*, [Almanaque para 1844], København: H.I. Bing & Søn, 1843, pp. 77-160. Aí Heiberg publica um artigo, «O Ano Astronómico»<sup>6</sup>, onde faz uma recensão crítica à obra *A Repetição* de Constantin Constantius, acusando o autor de confundir no conceito de repetição as categorias da natureza e do espírito, já que pretende claramente diferenciar entre a mediação hegeliana e os movimentos repetitivos da natureza. No Prefácio VIII é feita referência crítica à explicação de Heiberg. Vd. *SKS* 4, 526 / *Prefaces*, 66.

<sup>7</sup> J. L. Heiberg, «Litteraire Vintersæd» [Sementes de Inverno Literárias], *Intelligensblade* [A Folha dos Intelectuais], nº 24, de 1 de Março de 1843.

<sup>8</sup> J. L. Heiberg, «Eftertale til Urania» [Posfácio a Urania], *Intelligensblade* [A Folha dos Intelectuais]. København: C. A. Reitzel, Fevereiro de 1844.



intitulado «Presente de Ano Novo», já com a autoria do pseudónimo Nicolaus Notabene, que:

Se não tivesse coisas mais importantes a fazer, teria sido muito divertido, já que agora parece que tudo se tornou neste Ano Novo excepcionalmente elegante e aprimorado, assim como banal e trivial.<sup>9</sup>

Já desde os fins de 1843 Kierkegaard se encontrava envolvido na escrita de obras de maior fôlego, e careceu por isso de oportunidade para uma resposta imediata e mais veemente às críticas de Heiberg que o feriram; apesar de se contrapor nessas obras às posições hegelianas de Heiberg, Martensen e outros, Kierkegaard queria sem dúvida ainda responder de uma forma muito mais pessoal e directa – e foi o que fez com *Prefácios*, que é apresentado como um contraponto irónico às obras mais teóricas. Esta obra insere-se assim na prática deste autor se ocupar de vários projectos em simultâneo, ou seja de escrever várias obras ao mesmo tempo. Nicolaus Notabene tem pois convívio sincrónico com Johannes Climacus, com Vigilius Haufniensis, com Constantin Constantius e com Victor Eremita, assim como com Søren Kierkegaard.

A obra *Prefácios* é constituída por um prefácio introdutório, oito prefácios com numeração romana e um curto post-scriptum. O prefácio introdutório apresenta a situação do autor, Notabene, que deseja escrever, mas que, ao encontrar forte oposição junto da mulher, promete escrever só prefácios, numa solução de compromisso. O Prefácio I delibera sobre o prazer de escrever por um ímpeto interior e não por conveniência dos tempos ou da época do ano. O Prefácio II expõe o mundo literário de Copenhaga com especial incidência sobre o público leitor, os críticos e o que um crítico literário deve ser. O Prefácio III fala sobre as intenções comerciais para uma reedição do livro por ocasião do ano novo. O Prefácio IV ridiculariza directamente Heiberg e as suas múltiplas ocupações. O Prefácio V dirige-se à Associação de Total Abstinência e sublinha a pouca importância

---

<sup>9</sup> Pap. IV B 125 / JP V 5707, n. d.

do indivíduo em oposição ao significado que pode adquirir, se se associar a um grupo. O Prefácio VI anuncia um livro de sermões para pessoas cultas. O Prefácio VII trata de conceitos em voga tais como a mediação e o sistema, e descreve o autor como alguém que faz uma viagem interior; foi originalmente escrito como prefácio para *O Conceito de Angústia*, mas Kierkegaard rejeitou-o por ser demasiado longo e distrair o leitor do assunto do livro. O Prefácio VIII introduz uma revista filosófica que pretende eliminar a dúvida residual e servir a filosofia com a ignorância e a estupidez. O post-scriptum insiste na ideia de prefácio e de disputa.

No que toca às motivações para a escolha de uma forma de discurso tão controversa como aquela que encontramos em *Prefácios*, pretendo distinguir entre as que são de carácter externo (tais como as que dizem respeito às polémicas contemporâneas da sociedade dinamarquesa ou as que assentam em figuras da época) e as que são de natureza interna (como é o caso das formas de pensar afins das de Sócrates na prática filosófica de Kierkegaard, sempre associada ao autoconhecimento).

Para isso, quero aqui trazer a lume as *Memoráveis Socráticas* de Hamann e a influência que este exerceu sobre Kierkegaard. A julgar pelas citações que encontramos nos diários e nas obras de 1844, Kierkegaard teria essa obra até muito presente. Terá ele visto nesta obra de Hamann a possibilidade de um modelo, ainda que relativamente livre, para uma resposta tardia aos seus actuais oponentes, os hegelianos dinamarqueses Heiberg e Martensen, em analogia com a resposta de Hamann aos seus opositores? A obra de Hamann, *Memoráveis Socráticas*, é dedicada «a Ninguém e a Dois»; em Hamann, a intencionalidade deste «ninguém» é uma referência ao público em geral a quem as obras do século das luzes eram dirigidas; reconhece-se a mesma intencionalidade em Notabene ao visar o público literário como destinatário, mas aliás a própria ideia de «ninguém» está

ainda incluída no nome do autor<sup>10</sup>; os «dois» da dedicatória hamanniana são Johann Christoph Berens<sup>11</sup> e Immanuel Kant<sup>12</sup>, seus contemporâneos, a quem ele pretende dar uma resposta explicativa e irônica, depois de eles lhe terem proposto uma ocupação útil, designadamente traduzir alguns artigos de *A Enciclopédia* de Diderot e d'Alembert (1751-1772); pretenderiam convertê-lo desse modo de volta para a atitude da «Aufklärung», que ambos defendiam, e que não se coadunava com a experiência religiosa de Hamann e com a sua nova posição singular no regresso a Königsberg. Ainda que a obra *Prefácios* de Kierkegaard não tenha nenhuma dedicatória, é igualmente uma resposta literária a Johan Ludvig Heiberg e a Hans Lassen Martensen. O conflito situacional que se pode observar tanto em Kierkegaard como em Hamann, a luta singular que ambos travaram contra a corrente filosófica e a mentalidade dominante das suas épocas, constitui certamente um paralelo.

A tese tem três capítulos, nomeadamente um primeiro que começa por analisar a obra enquanto literatura polémica, visando os hegelianos dinamarqueses, designadamente, Heiberg e Martensen; opta-se, a seguir, por uma análise comparativa com a obra de Hamann, *Memoráveis Socráticas*, para revelar a intenção mais profunda de Notabene, nomeadamente a de seguir o caminho socrático da procura da verdade. O segundo capítulo apresenta o discurso fragmentário de Kierkegaard/Notabene em oposição ao da filosofia sistemática e especulativa de Hegel, e prossegue-se com uma análise da ironia socrática, e o uso que dela se faz em *Prefácios*. O terceiro capítulo identifica a importância da relação com o indivíduo singular, debruçando-se sobre a função da interioridade no autor, e expondo a perspectiva da existência na filosofia de Kierkegaard.

Uma das afirmações centrais desta tese é a de o leitor ganhar com a intertextualidade entre as obras *Prefácios* e *Memoráveis Socráticas*, procurando-se na

---

<sup>10</sup> Vd. acima nota 3.

<sup>11</sup> Johann Christoph Berens (1729-1792).

<sup>12</sup> Immanuel Kant (1724-1804).

primeira sinais, como os de uma memória literária, que apontem para uma correspondência com momentos específicos do texto da segunda, que possam gerar importantes subtextos, de acordo com a teoria de Michael Riffaterre<sup>13</sup> em *Fictional Truth*<sup>14</sup>. Afirma Michel Riffaterre que uma memória literária vai gerar um derivado textual de importantes subtextos – e lembro aqui a presença constante de Sócrates e de Hamann na obra de Kierkegaard. O termo «subtexto», que Riffaterre introduziu nessa obra, significa um texto dentro do texto, constituindo-se como unidade significativa para a interpretação<sup>15</sup>. A intertextualidade é a modelação do sentido do texto por outros textos e Riffaterre procura estabelecer uma relação com o inconsciente, que obrigue o leitor, perante o dito e o não dito no texto, a um processo de interpretação para descobrir a verdade. Diz Riffaterre que «[o] inconsciente do texto é representado pelo simbolismo do subtexto e pelo intertexto escondido que este simbolismo mobiliza»<sup>16</sup>. As *Memoráveis Socráticas* poderiam constituir para o leitor, de certo modo, o «inconsciente» de *Prefácios*. Riffaterre explica que o «undertone» ou subtexto de uma obra é o conteúdo que está por baixo. Estes subtextos operam como modelos para a interpretação, e o leitor apercebe-se das constantes nos subtextos através de uma leitura comparativa com o intertexto. Seguiremos pois o método de Riffaterre, ao analisar adiante nestas obras os pontos que apoiam esta suposição.

---

<sup>13</sup> Michel Riffaterre (1924-2006), crítico e teórico literário franco-americano.

<sup>14</sup> Riffaterre, Michel, *Fictional Truth*, Baltimore, London: The John Hopkins University Press, 1990.

<sup>15</sup> A presença de subtextos dentro do texto implica uma relação entre estes dois tipos de discurso que consiste numa fusão do texto e dos subtextos simbólicos.

<sup>16</sup> Riffaterre, Michel, *Fictional Truth*, introduction, p. xvi.

# **CAPÍTULO I**

**A literatura polémica**

**ou**

***Prefácios* como género literário**

# 1. Heiberg e a teoria do género

Conforme anteriormente referido, o principal alvo de *Prefácios* é Johan Ludvig Heiberg, vinte e dois anos mais velho que Søren Kierkegaard, figura de destaque na Dinamarca durante a chamada «época de ouro». Heiberg era um homem dado a muitos interesses: dedicava-se à filosofia, à teologia, à astronomia, à escrita dramática, à crítica literária; foi professor, foi editor de várias revistas literárias e filosóficas<sup>17</sup> e esteve ligado ao Teatro Real de Copenhaga durante trinta anos<sup>18</sup>. Também foi o introdutor de Hegel na Dinamarca e publicou, em 1832, a *Lógica Especulativa*<sup>19</sup>, conseguindo que o hegelianismo adquirisse realmente importância a partir de 1833, através da controvérsia gerada pela sua obra *Sobre o significado da Filosofia na época actual*<sup>20</sup>. Heiberg entendia que a solução para a crise da época era a sua versão do sistema hegeliano<sup>21</sup>, o saber objectivo, ao qual Kierkegaard opunha o saber existencial e a interioridade.

Notabene ataca Heiberg em todas as frentes, na sua qualidade de autor de vaudevilles, de editor de jornais e revistas, de representante da elite cultural do seu tempo e acima de tudo como crítico e teórico estético; ao atacá-lo, Notabene sublinha sempre que Heiberg não faz o que promete, que não é o que diz, que critica sem ética, para «ter o

---

<sup>17</sup> *Kjøbenhavns flyvende Post* [Correio volante de Copenhaga] (1827-28 e 1830), *Perseus, Journal for den speculative Idee* [Perseu, revista para a ideia especulativa] (1837-38), *Intelligensbladet* [A folha dos intelectuais] (1842-1844), *Interimsbladet* [A folha temporária] (1834-37), *Urania, Aarbog* [Urania, Almanaque] (1844-46); algumas destas revistas são mencionadas por Notabene directa ou indirectamente.

<sup>18</sup> Heiberg foi nomeado director do Teatro Real em 1849; casou-se em 1831 com uma actriz famosa na época, J. L. H., Johanne Luísa Heiberg, de solteira Pätges (1812- 1890), vinte e um anos mais nova.

<sup>19</sup> Heiberg, J.L., *Grundtræk til Philosophiens Philosophie eller den spekulative Logik. Som Ledetraad ved Forelæsninger paa den kongelige militaire Højskole*, [Fundamentos para a filosofia da filosofia ou a lógica especulativa. Como apoio às lições da escola real militar], Copenhaga: Andreas Seidelin, 1832.

<sup>20</sup> Heiberg, J.L., *Om Philosophiens Betydning for den nuværende Tid*, [Sobre o significado da filosofia na época actual], Copenhaga: C.A. Reitzel, 1833.

<sup>21</sup> O hegelianismo de Heiberg (e outros) e o hegelianismo de Hegel são coisas muito distintas, e o alvo de Notabene não é Hegel, conforme claramente explicitado pelo próprio Notabene no Prefácio VIII. Vd. também Stewart, Jon, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 420.

ensejo»<sup>22</sup> de dizer qualquer coisa, e rebaixa-o como filósofo por não ser original, por papaguear uma filosofia importada, ligada às modas da época.

Este ataque pessoal tem vários fundamentos. Na base estará uma frustração pessoal de Kierkegaard, que terá aspirado, na sua juventude, a ser aceite no círculo de Heiberg, sem ter tido realmente êxito. Os planos de carreira, que Kierkegaard teria eventualmente tido nos finais do curso e durante o período de noivado com Regina Olsen, alteraram-se profundamente com a ruptura desse noivado, isolando Kierkegaard, e colocando-o socialmente numa posição negativa. Esta decisão, que veio a marcar a sua existência pessoal, a partir de 1841, também teve o impacto de lhe permitir um distanciamento que lhe proporcionou ocasião para a reflexão, para a observação e para um confronto individual com as correntes ideológicas do seu tempo. Já a sua obra de 1843, *Ou-Ou*, é uma resposta ao conflito gerado pelo conceito hegeliano da lei do terceiro excluído<sup>23</sup>, pelo facto de Kierkegaard considerar que existem situações na existência que obrigam a uma escolha. Esta «alternativa» à posição de Hegel é captada por Heiberg, que, em resposta<sup>24</sup>, salienta o enorme volume do livro e desvaloriza o seu conteúdo, rejeitando-o como uma mera curiosidade. É de referir que a obra *Ou-Ou* é publicada a 20 de Fevereiro de 1843 e a crítica que Heiberg lhe faz é publicada a 11 de Março 1843, o que impossibilita uma leitura cuidada, e denuncia Heiberg como um recenseur com falta de ética<sup>25</sup>. Com a nova recensão de Heiberg à obra *A Repetição*<sup>26</sup>, na sua revista *Urania*, em Dezembro de 1843, o corte tornou-se irremediável entre ambos. A partir de então, Kierkegaard rebelou-se contra

---

<sup>22</sup> SKS 4, 484/ *Prefaces*, 20.

<sup>23</sup> Segundo a lei do terceiro excluído, uma coisa é ou não é, não há uma terceira hipótese, ou seja, uma proposição é verdadeira ou falsa, não há uma terceira hipótese. Esta terceira lei da lógica clássica vem no seguimento do princípio da identidade, que se exprime do seguinte modo: «Cada ser é igual a si mesmo» e do princípio da não-contradição, segundo o qual uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, ou seja, uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. O assunto será desenvolvido mais tarde no capítulo sobre Hegel.

<sup>24</sup> Vd. acima nota 7.

<sup>25</sup> Esta crítica feriu Kierkegaard, que ainda procurou responder com um artigo «Uma palavra de agradecimento ao Sr. Prof. Heiberg». Vd. SKS 15, *Fædrelandet* [A Pátria] 1168, Março de 1843.

<sup>26</sup> Vd. acima nota 8.

Heiberg e contra o que tinha a ver com ele, passando por isso a romper com todos os representantes do hegelianismo dinamarquês, como adiante veremos. São postos assim igualmente em questão<sup>27</sup> o estilo de Heiberg, o seu tom filosófico e austero, a sua estética e a teoria sobre os géneros literários, que tinha sido objecto de atenção positiva anteriormente por parte do jovem Kierkegaard. Entretanto, Heiberg continua a cultivar o bom-tom, os salões literários e as polémicas jornalísticas, e Kierkegaard, que pretende afastar-se dele em todos os domínios, passeia até à floresta dos veados, caminha pelas ruas de Copenhaga e conversa com as peixeiras. Sublinha a sua simpatia pela gente do povo, afasta-se das elites, e refugia-se na escrita.

Segundo George Pattison<sup>28</sup>, o género é um ponto fulcral da teoria crítica de Heiberg, porque é o que determina em cada caso a relação correcta entre conteúdo e forma, permitindo ao crítico literário julgar sobre a adequação do texto no quadro dos géneros<sup>29</sup>. Poderíamos assim alegar que Notabene se serve de *Prefácios* para pôr em causa a teoria dos géneros de Heiberg, que requer tão afincadamente concordância entre forma e conteúdo. Heiberg já tinha publicado em 1826 uma obra sobre o vaudeville<sup>30</sup>, onde explicava que esta forma era um género em si e não era uma mera farsa ou um mero divertimento, e que tinha o seu lugar no esquema global dos géneros artísticos, merecendo

---

<sup>27</sup> Ao escrever a sua primeira obra, em 1838, *Af en Endnu Levendes Papirer* [*Dos Papeis de Alguém ainda em Vida*], Kierkegaard está claramente ainda sob influência desta teoria de Heiberg, que aqui em *Prefácios* é colocada em questão. A 16 de Janeiro de 1837, Kierkegaard tinha recopiado cuidadosamente no seu diário, o sistema de géneros de Heiberg. Vd. *SKS* 17,113, BB: 23.

<sup>28</sup> Pattison, George, «Johan Ludwig Heiberg: Kierkegaard's Use of Heiberg as a Literary Critic» in *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources*, red. Jon Stewart, Vol. 7, Tome III: *Kierkegaard and His Danish Contemporaries - Literature, Drama and Aesthetics*, Aldershot: Ashgate 2009, pp. 169- 187.

<sup>29</sup> Para Heiberg, a polaridade básica que determina todo o processo é o tempo e o espaço, manifestando-se na estética como a distinção entre as artes musicais e as artes plásticas; a poesia combina esta polaridade e é a «arte das artes» (tal como encarou a lógica como a «filosofia da filosofia»), e assim o aspecto musical da poesia assinala-se na poesia lírica, enquanto o aspecto plástico aparece na poesia épica. Por sua vez, o drama unifica ambos e é considerado por Heiberg a «poesia da poesia». Para ele, a tragédia relaciona-se mais com o plano musical, mas a comédia está mais próxima do plano espacial.

<sup>30</sup> Heiberg, J. L., «Om Vaudevillen som dramatisk Digttart og om dens Betydning paa den danske Skueplads» [Sobre o vaudeville como arte dramática e sobre a sua importância para a cena dinamarquesa], in *Prosaiske Skrifter* [Escritos prosaicos] vol. 6, København: C. A. Reitzel, 1861. Reeditado em Charleston: Nabu Press, 2010, pp. 1-111.



inclusivamente ser colocado topo dos géneros literários<sup>31</sup>. Esta prática da classificação literária é igualmente referida logo na primeira página de *Prefácios*, numa alusão à classificação em géneros de Heiberg: «Muito se tem feito, cientificamente, para classificar a literatura e ordenar a obra de cada autor no tempo actual e o tempo actual no tempo da estirpe»<sup>32</sup>. Ao contrário de Heiberg, Notabene vai escrever «devido a uma inexplicável necessidade interior»<sup>33</sup>, propondo-se actuar como um correctivo. Segundo Pattison, «os próprios modelos literários de Kierkegaard pretendiam quebrar o molde de Heiberg e levar a escrita dinamarquesa (e moderna) para cursos renovados e intransitados»<sup>34</sup> e Notabene parece acreditar que a melhor maneira de impugnar o hegelianismo de Heiberg não é através de uma clara oposição contra-argumentativa, mas antes através do humor e da sátira, como veremos mais adiante.

Ao longo dos quatro primeiros prefácios, Heiberg é trucidado pela sátira de Notabene; a trama desses prefácios é o «presente de Ano Novo», que designa a revista *Urania* de Heiberg, e se torna um subtexto de relevo na obra. Este subtexto relaciona-se com outro, que trata de «o que os tempos exigem», expressão que é inúmeras vezes repetida<sup>35</sup> e transformada num cliché. Ora, o que os tempos exigiam não seria tanto um sistema filosófico como o que Heiberg queria escrever, mas antes os vaudevilles que ele tão bem escrevia... Heiberg apela, de facto, ao gosto popular como autor de vaudevilles, mas, na sua vida privada, cultiva o elitismo e distancia-se do povo, pelo que está longe de ser o modelo de alguém que é o que faz e o que escreve – o que de novo põe em causa a sua posição deontológica. É acusado por Notabene de ser oportunista, aproveitando-se da época

---

<sup>31</sup> Heiberg consagra o género de vaudeville, de carácter essencialmente cómico, para o qual produziu inúmeras peças, como «um drama que se articula com a situação, com personagens menos definidas, onde a música substitui o diálogo quando este atinge os seus pontos de maior interesse», (vd. Pattison, *op. cit.*, p. 172), implicando pois equilíbrio entre música, personagem e diálogo. O vaudeville é uma peça cantada, cómica e satírica, uma espécie de opereta, que traz a linguagem e o humor populares para o palco.

<sup>32</sup> SKS 4, 467 / *Prefaces*, 3.

<sup>33</sup> SKS 4, 477, onde a ironia é usada no seu sentido habitual de algo que afirma o contrário daquilo que se quer dizer, ou daquilo que se pensa.

<sup>34</sup> Pattison, *op. cit.*, p. 170.

<sup>35</sup> SKS 4, 477, 485, 497, 511 / *Prefaces*, 14, 22, 35, 50.

natalícia para vender livros. Também é considerado um enganador e um mentiroso por não cumprir as suas promessas<sup>36</sup>. Notabene diz sarcasticamente que «[u]ma promessa é um pó efervescente com o qual toda a humanidade fica inigualavelmente bem servida»<sup>37</sup>, e é mordaz ao escrever que «uma promessa é muito transportável»<sup>38</sup>, e que, «tal como a cortesia, tem a qualidade excepcional de nada custar a quem a faz»<sup>39</sup>, podendo com facilidade substituir o livro que se promete escrever.<sup>40</sup> Obviamente que é uma referência aos textos de Heiberg que tinham frequentes declarações de intenção sobre o propósito de escrever um sistema. A invectiva contra Heiberg é longa. Aludindo ainda a um artigo<sup>41</sup> de Heiberg, Notabene considera-o afectado e pretensioso. Também o acusa, no Prefácio IV de ser vaidoso e de ostentar em público a sua importância; desfere contra ele outros golpes no início do Prefácio VIII, salientando a sua falta de êxito na continuação da revista *Perseus*, e lembra os seus tempos de sucesso, sublinhando assim a sua decadência; refere ainda a expressão, «ter ido além de Hegel»<sup>42</sup>, usada por Heiberg em a *Lógica Especulativa*, e realça a sua falta de originalidade, tratando-o como um copista. À tríade hegeliana original – o ser, o nada e o devir – introduziu Heiberg uma alteração com uma nova categoria, agrupando o ser e o nada numa primeira categoria, o devir numa segunda, e acrescentando como terceira o «existir» ou o «ser determinado»<sup>43</sup>; Notabene, referindo-se a esta

---

<sup>36</sup> Heiberg pretendia escrever uma estética fundamentada na lógica e, ao publicar os primeiros vinte e três parágrafos para o «Sistema de Lógica» em 1838, na revista *Perseus*, prometeu um sistema de estética; esta promessa não fora cumprida até 1844, e alude-se a este facto amiúde em *Prefácios*.

<sup>37</sup> SKS 4, 500/ *Prefaces*, 38.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> SKS 4, 500/ *Prefaces*, 38.

<sup>41</sup> J. L. Heiberg, «Ogsaa en Opfordring til Statsgjældens Formindskelse ved frivillige Bidrag» [Também um apelo à redução da dívida do Estado por contributos opcionais], in *Intelligensbladet* [A folha dos intelectuais], nº 2, Abril de 1842. Neste artigo, Heiberg salienta que escreve os substantivos sem «t», tais como «Intelligen [t] s» ou «Indolen [t] z» e daí Notabene escrever: «Para mim, isto é suficiente para concluir que o autor é afectado». Vd. SKS 4, 482/ *Prefaces*, 18.

<sup>42</sup> SKS 4, 517/ *Prefaces*, 57.

<sup>43</sup> Vd. *Det logiske System* [O sistema lógico], in *Perseus*, nº 2, Agosto de 1838, p. 44. J. L. Heiberg introduz a categoria «Tilværen», ou seja, o «existir»; Jon Stewart traduz «Tilværen» como «o ser determinado» em *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, p. 55. Stewart refere também, em nota, que Adolph Peter Adler, ao fazer a recensão desta obra de Heiberg, o criticou por este desvio.

modificação<sup>44</sup>, escreve no Prefácio VII: «...uma façanha filosófica de como o ser e o nada juntaram o seu défice, para que daí surgisse o devir, a par das coisas prodigiosas que mais tarde aconteceram na continuação da narrativa...». Também no Prefácio VIII, Notabene menciona com sarcasmo aqueles que seguem o pensamento de Hegel, mas que declaram no final que «foram além de Hegel», introduzindo uma pequena alteração. Notabene ridiculariza assim Heiberg, sendo até muito directo, apelidando-o de «Dante»<sup>45</sup>, de «messias»<sup>46</sup>, de «bardo da congregação»<sup>47</sup>, de «sentinela de regiões distantes»<sup>48</sup>, de «ídolo literário»<sup>49</sup>, de «filho pródigo do público leitor»<sup>50</sup>. Insulta-o directamente como crítico, conferindo-lhe o cargo de «inspector dos esgotos»<sup>51</sup> e de «colector de impostos e de votos»<sup>52</sup>; no Prefácio IV, Heiberg é apelidado de «director literário dos telégrafos»<sup>53</sup>, numa referência à última descoberta da época<sup>54</sup> e é enfim até tratado de tolo, no Prefácio VII, aludindo às suas intenções pedagógicas e à sua posição de director do Teatro Real:

Quando, ao invés, agrada a um homem levar a sério a ideia do que fará pelos outros, tal mostra que no fundo ele é um tolo, cuja vida não passa de um chiste apesar dos trejeitos e ademanes, e da grande eloquência e das perturbadas atitudes teatrais, cuja existência não tem qualquer significado, a não ser, com o favor da ironia, o de poder oferecer algum divertimento<sup>55</sup>.

Kierkegaard era grande frequentador do Teatro Real. Em *Prefácios*, surgem referências à arte dramática de Heiberg<sup>56</sup>, e também outras às peças de Ludvig Holberg<sup>57</sup>,

---

<sup>44</sup> Notabene usa aqui os termos «Væren» [Ser], «Intet» [Nada] e «Vorden» [Devir]. Vd. *SKS* 4, 506 /*Prefaces*, 45.

<sup>45</sup> *SKS* 4, 488/ *Prefaces*, 25.

<sup>46</sup> *SKS* 4, 488/ *Prefaces*, 25.

<sup>47</sup> *SKS* 4, 495/ *Prefaces*, 33.

<sup>48</sup> *SKS* 4, 502/ *Prefaces*, 41.

<sup>49</sup> *SKS* 4, 505/ *Prefaces*, 44.

<sup>50</sup> *SKS* 4, 483/ *Prefaces*, 19.

<sup>51</sup> *SKS* 4, 483/ *Prefaces*, 19.

<sup>52</sup> *SKS* 4, 486/ *Prefaces*, 24.

<sup>53</sup> *SKS* 4, 486/ *Prefaces*, 23.

<sup>54</sup> A primeira linha de telégrafo na Dinamarca só foi estabelecida em 1854 entre Hamburgo e Copenhaga. A introdução desta referência demonstra que Kierkegaard se mantinha actualizado sobre o que se passava pelo mundo.

<sup>55</sup> *SKS* 4, 504/ *Prefaces*, 43.

<sup>56</sup> Notabene refere *Recensenten og Dyret*, [O Recenseador e a Besta], Copenhaga, 1826 (*SKS* 4, 484 /*Prefaces*, 20), aludindo às alterações e mudanças de Heiberg; também utiliza uma exclamação usada numa cena de *Kjøge Huuskors*, [A Cruz da Capelinha de Køge], 1831 (*SKS* 4, 486 /*Prefaces*, 23), que ainda hoje é

considerado o fundador do teatro dinamarquês. Notabene estabelece entre estes dois dramaturgos uma comparação pouco benéfica para Heiberg, e usa situações ou expressões conhecidas do público, para o ridiculizar. A teia de alusões às peças dramáticas é encenada na obra para um público habituado a frequentar os centros culturais de Copenhaga e apoia o subtítulo da obra, dirigido a «pessoas de certas classes».

Enquanto crítico literário<sup>58</sup>, Heiberg é considerado um paradigma dos tempos, o que é ofensivo, já que ele próprio criticava a sua época; Notabene, reportando-se às tendências especulativas de Heiberg, usa a ideia de nivelamento, associando-o assim à tendência democrática que este odiava e apresentando-o como um homem da época, por oposição à ideia de um mentor crítico da época, como ele gostava de ser visto. Notabene acusa-o ainda de propagar rumores e de ser um conspirador, por não preencher adequadamente o seu papel de crítico literário. O facto de Notabene visar Heiberg no âmbito de um texto do género «leitura divertida», ridiculariza Heiberg, associando-o ao seu oponente, A. P. Liunge<sup>59</sup>, que publicara em 1843 uma antologia de leituras divertidas<sup>60</sup>. A época estava realmente muito interessada em diversão. Em 1843, Carstensen<sup>61</sup> abre o Tivoli<sup>62</sup> que serve para entreter o público. Para Kierkegaard, «Dyrehavsbakken», ou «Bakken», o parque mais

---

de uso corrente, sob a forma de «Ó grande chinês!». Notabene menciona a aparência de Heiberg em público, referindo-se à peça *Kong Salomon og Jørgen Hattemager* [O Rei Salomão e o Chapeleiro Jørgen], 1825 (SKS 4, 486 /Prefaces, 23). Encontramos também um jogo de palavras na menção de Notabene à peça *Julespøj og Nytaarsløjer* [Piadas Natalícias e Facécias de Ano Novo], 1816 (SKS 4, 488 /Prefaces, 25), onde a peça é comparada à revista *Urania*, reduzindo esta assim a uma brincadeira.

<sup>57</sup> Ludvig Holberg (1684 – 1754). Em Prefácios são mencionadas estas suas seis peças: *Ulysses von Ithacia* [Ulisses de Ítaca], 1723 (SKS 4, p. 477 /Prefaces, p. 13); *Jacob von Tyboe eller den stortalende Soldat* [Jacob de Thyboe ou o Soldado Bem Falante], 1723 (SKS 4, 473 /Prefaces, 9); *Barselstuen* [O quarto da Parturiente], 1723 (Vd SKS 4, 482 /Prefaces, 19); *Den Stundesløse*, [O Atarefado] 1723 (SKS 4, 488 /Prefaces, 25). *Hexeri eller Blind Allarm* [Bruxaria ou falso Alarme], 1731 (SKS 4, 497 /Prefaces, 35); *Mester Gert Westphaler* [O Mestre Gert Westphaler], 1722 (SKS 4, 505 /Prefaces, 44).

<sup>58</sup> A crítica de Heiberg é determinada por dois objectivos inter-relacionados: promover aquilo de que gosta e atacar aquilo a que se opõe.

<sup>59</sup> Andreas Peter Liunge (1798-1879), editor do jornal *Kjøbenhavnsposten* [O Correio de Copenhaga] até 1837 e entre 1842-43, era um liberal e um adversário de Heiberg.

<sup>60</sup> Liunge, A. P., *Repertorium for Morskabslaesning* [Colectânea de Leituras divertidas] 1843. «O género de leitura divertida» era marcado pela heterogeneidade dos textos seleccionados, apenas com o propósito de divertir, sendo dirigido à classe dos leitores mais comuns e não às classes literariamente cultivadas.

<sup>61</sup> Johan Bernhard Georg Carstensen (1812- 1857).

<sup>62</sup> Tivoli é um parque de diversões em Copenhaga.

antigo de diversões do mundo<sup>63</sup>, era importante e é referido em muitas das suas obras, e até aqui, no Prefácio VII, numa cena em que uma caixa óptica é comparada à mediação.<sup>64</sup> Esta tendência para a diversão, para ir buscar a várias fontes o divertimento, reflecte-se na heterogeneidade folgazona de *Prefácios*.

Poderíamos dizer que Notabene reduz Heiberg, tirando-lhe o nome, chamando-lhe «Sr. A.A.», e também se coloca ironicamente em paralelo com ele: «Não sou o Professor Heiberg, sim, sou até ainda menos do que não ser o Professor Heiberg; pois apenas sou N. N.»<sup>65</sup>. No final do Prefácio VIII, a relação com Heiberg é colocada nos seguintes termos: «Seria, enfim, como se um professor quisesse rivalizar com o seu discípulo!»<sup>66</sup>

Também é aludida em *Prefácios*<sup>67</sup> a obra de Heiberg de grande sucesso, «Uma alma depois da Morte»<sup>68</sup>, que mereceu, na recensão de Hans Lassen Martensen, o epíteto de «a Divina Comédia em miniatura»<sup>69</sup>, e daí, no Prefácio IV, Notabene referir que «uma crítica subserviente, em uníssono com uma diligente opinião pública, deixou entender sem obscurantismos que o Professor Heiberg se tornara agora um Dante»<sup>70</sup>. Esta associação do teólogo Martensen a Heiberg, assenta já na polémica religiosa levantada pela obra de

---

<sup>63</sup> «Dyrehavsbakken» apareceu em 1583 como um mercado em «Dyrehaven», o parque real dos veados, uma floresta a norte de Copenhaga. A actriz Johanne Luise Pätges (fru Heiberg) teve a sua estreia em Bakken.

<sup>64</sup> O público era aí aliciado a olhar através do óculo de uma caixa óptica, acompanhado pela música e pela voz do cicerone, sem nada conseguir ver... Aos olhos de Kierkegaard, a caixa óptica tornou-se uma importante parábola sobre a natureza do público moderno. Esta caixa óptica é uma referência a uma peça de um contemporâneo de Kierkegaard, Henrik Hertz (1797-1870), que teve de se defender contra algumas das críticas que lhe foram dirigidas em *Intelligensbladet*, mas Kierkegaard lamentou que ao defender-se dos críticos, Hertz tivesse considerado o caso como «uma bagatela». Voltaremos mais adiante a esta questão da bagatela ou da trivialidade, que é central em *Prefácios*

<sup>65</sup> SKS 4, 509/ *Prefaces*, 48.

<sup>66</sup> SKS 4, 526/ *Prefaces*, 66.

<sup>67</sup> SKS 4, 488 /*Prefaces*, 25.

<sup>68</sup> «En Sjael efter Døden» [Uma alma depois da Morte] faz parte de *Nye Digte* [Novos Poemas], København: C.A. Reitzel, 1841. Relata a viagem de uma alma até ao inferno, transformando o julgamento divino numa crítica social irónica. A alma representa Copenhaga na época, na figura de um burguês e jornalista liberal, que não consegue ver além das trivialidades e se vai afundando em objectivos transitórios. A figura será talvez uma alusão a A. P. Liunge, que tratara directamente Heiberg de «copista», aquando da recensão que fizera de a *Lógica Especulativa*.

<sup>69</sup> H. L. Martensen, «Nye Digte. Af J. L. Heiberg» in *Fædrelandet* [A Pátria] III, nº 398-400, København, 10-12 de Janeiro de 1841.

<sup>70</sup> SKS 4, 487-8/ *Prefaces*, 25.

Heiberg *Sobre o Significado da Filosofia para o Tempo Presente*<sup>71</sup>, que provocou uma vaga de respostas<sup>72</sup> por aí se declarar que as pessoas cultas já não levavam a religião a sério e que se deviam voltar para a filosofia. O Prefácio VI alude a quem se dedica à teologia, argumentando nela uma dimensão filosófica<sup>73</sup>. Por isso, Heiberg é também causticado por Notabene como teólogo polémico pela sua defesa de «uma teologia especulativa»<sup>74</sup> e, no Prefácio VIII, a menção a Heiberg e a Martensen é directa: «é repetidamente proclamado pelos padres da filosofia que, “no nosso tempo, se encontra a necessidade de o teólogo ser filósofo para poder satisfazer as exigências do tempo”»<sup>75</sup>.

Concluindo: *Prefácios*, põe eminentemente em causa a teoria dos géneros de Heiberg, funciona como um ritual de demarcação ideológica e deontológica, e aponta para a cultura da celebridade e da celeridade de que Heiberg era representante.

---

<sup>71</sup> Vd acima nota 20.

<sup>72</sup> Entre outros, a resposta do Bispo Mynster, assinando com o pseudónimo Kts, no artigo «Om den religiøse Overbevisning» [Sobre a Convicção religiosa], in *Dansk Ugeskrift* [Semanário Dinamarquês], vol. 3, n.ºs 76-7, København, 1833, pp. 241-58.

<sup>73</sup> SKS 4, 495 / *Prefaces*, 33.

<sup>74</sup> Vd. *Perseus* n.º 1, 1837, p. 11.

<sup>75</sup> SKS 4, 511 / *Prefaces*, 50.

## 2. Martensen e a polémica dogmática

A teologia leva-nos ao outro visado em *Prefácios*, Hans Lassen Martensen, e às disputas teológicas que também dominaram o meio intelectual da época. Martensen sempre foi considerado por Kierkegaard como um rival, devido à menor diferença de idades – só cinco anos os separavam –, e foi também invejado pela sua carreira ao abrigo do pensamento hegeliano em voga na Dinamarca. A ideia de Martensen era a de responder à exigência da fé e à do saber, reunidas na mesma verdade revelada. Ao apoiar Heiberg contra o Bispo Mynster no debate sobre a lei do terceiro excluído<sup>76</sup>, Martensen concluiu que o princípio da mediação é o princípio da cristandade, porque a doutrina da encarnação não pode ser entendida de outro modo.<sup>77</sup> Contra esta posição escreve Kierkegaard *Migalhas Filosóficas*, onde os conceitos de paradoxo e de instante se opõem ao de mediação, e onde Martensen, como central visado, é zombado com a expressão, por ele muito usada, «Era, época, era e época, época e era, o sistema»<sup>78</sup>. Nas aulas de «Introdução à Dogmática especulativa» – que Kierkegaard frequentou – Martensen expôs a sua filosofia da religião, o que lhe valeu a adesão de muitos alunos e, mais tarde, o título e cargo de Professor. Grande apreciador do pensamento dialético e especulativo, considerava, porém, a revelação cristã como o seu ponto de partida e por isso usava muito a expressão, «ir além de Hegel», que é citada nos Prefácios VII e VIII, designadamente para Notabene estabelecer uma distinção entre o próprio Hegel e os seus seguidores.

O ataque contra Martensen tem um motivo pessoal, tal como o ataque contra Heiberg. Kierkegaard nunca aceitou o êxito de Hans Lassen Martensen, professor na

---

<sup>76</sup>Martensen, H. L., «Rationalisme, Supernaturalisme og principium exclusi medii i Anledning af H.H. Biskop Mynsters Afhandling herom i dette Tidsskrifts forrige Hefte» [Racionalismo, Supernaturalismo e *principium exclusi medii* por ocasião da exposição de S. Ex<sup>a</sup> o Bispo Mynster sobre o assunto no anterior número deste periódico], *Tidsskrift for Litteratur og Kritik* [Jornal para a literatura e a crítica], vol. I, 5, København, 1839, p. 456-73.

<sup>77</sup>Vd. Jon Stewart, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, em especial pp. 336-376.

<sup>78</sup>Ocorre nas *Migalhas Filosóficas*, vd. SKS 4, 216.

universidade, pastor de sucesso, amigo de Heiberg e do Bispo Mynster<sup>79</sup>, mas tem acima de tudo um motivo ideológico. Kierkegaard tinha, tal como o Bispo Mynster, uma perspectiva mais luterana para o sermão, em oposição à atitude mais elitista na teologia, representada por Martensen e Heiberg, e queria incluir todos, os que tinham cultura e os que a não tinham. No Prefácio VI, numa referência ao debate de então, Notabene introduz uma suposta obra de vinte e quatro sermões que se propõe demonstrar «um pensamento contínuo, uma tendência sistemática»<sup>80</sup>, em oposição aos *Sermões*<sup>81</sup> do Bispo Mynster que «não poderiam satisfazer as pessoas cultas»<sup>82</sup>. Esta expressão, «as pessoas cultas», passa assim dos círculos de Heiberg para a teologia hegeliana dinamarquesa. Notabene defende que o elitismo intelectual é contrário à igualdade cristã, mas também revela uma certa ambiguidade em relação ao Bispo Mynster, apoiando a posição deste último no debate dogmático, mas referindo contudo a sua idade, e ridicularizando o seu estilo; Notabene vai-lhe contrapor com auto ironia o seu próprio plano para uma obra, que, ao invés da do Bispo Mynster, se apresenta como um «todo» de escritos edificantes: «o presente texto edificante procede da totalidade para a ela regressar»<sup>83</sup>. Neste mesmo Prefácio VI, Notabene ataca ainda a posição de Martensen, de Heiberg e da Igreja dinamarquesa, relativa à importância

---

<sup>79</sup> Jakob Peter Mynster (1775 - 1854), Bispo da Zelândia a quem Martensen vem a suceder. Martensen desempenha, antes disso, cargos importantes na Universidade, também é confessor da corte, e pertence à elite das «pessoas cultas». Jacob Peter Mynster, apesar de representar a Igreja dinamarquesa como instituição, foi importante na vida de Kierkegaard, que sempre por ele teve respeito, enquanto amigo da família e frequentador da casa de seu pai. Foi uma figura marcante que esteve à cabeça da Igreja luterana durante vinte conturbados anos, e redigiu *O Pequeno Catecismo de Lutero* para uso nas escolas que é referido no prefácio dos *Prefácios*.

<sup>80</sup> Esta suposta obra apresentada por Notabene surge como resposta humorística à controvérsia teológica entre o Bispo Mynster e Hans Peter Kofoed-Hansen; numa recensão à obra *Ou-Ou*, intitulada «*Enten-Eller. Et livs Fragment* udgivet af Victor Eremita» [*Ou-Ou. Um fragmento de vida*, editado por Victor Eremita], *For Litteratur og Kritik. Et Fjerdingseaarsskrift* [Para a literatura e a Crítica, uma revista trimestral], Odense, Fyens Stifts litterære Selskab, vol. I, 4, 1843, págs. 377-405, Kofoed-Hansen acusa a Igreja dinamarquesa de não satisfazer as pessoas cultas, de precisar de um «banho filosófico» e de continuar agarrada a uma moral «bota-de-elástico» [Skoflikker moral]. O Bispo Mynster replica com um artigo, assinado pelo seu pseudónimo Kts, «Polémica Eclesiástica» [Polémica Eclesiástica], *Intelligensbladet* [A folha dos intelectuais], IV, nº41-42, 1 de Janeiro de 1844. pp. 97-114.

<sup>81</sup> Notabene refere aqui as *Praedikener paa alle Søn – og Hellig-Dage i Aaret* [Homilias para todos os Domingos e Feriados do Ano], I-II, København: Gyldendal, 1823; 3ª edição 1837.

<sup>82</sup> *SKS* 4, 494 / *Prefaces*, 32.

<sup>83</sup> *Idem*.



da congregação religiosa para o indivíduo, defendendo a interioridade do indivíduo singular; patenteia a relação existente entre a congregação e as pessoas cultas, porque «quem é culto procura a comunidade», e acrescenta, num óbvio golpe de ironia, que «as pessoas cultas são evidentemente cristãs»<sup>84</sup>. Notabene usa a linguagem dogmática cristã, afirmando-se «um leal e triunfante membro da igreja triunfante»<sup>85</sup>, arrastando assim o leitor para o domínio da teologia<sup>86</sup>; associa também, pela linguagem, o mundo literário com o mundo religioso, no Prefácio II, salientando o «público leitor visível» que lhe merece o seguinte comentário, entre parêntesis: «reúne-se de novo na sinagoga o público leitor visível (pois existe uma diferença entre a igreja visível e a invisível)»<sup>87</sup>.

É de salientar que o ano de 1843, anterior à publicação de *Prefácios*, foi muito rico em publicações<sup>88</sup> e em polémicas, e marca a verdadeira estreia de Kierkegaard com a obra *Ou-Ou*, que é já, em alguma medida, uma resposta à mediação hegeliana, conforme anteriormente referido. Este ano marca também a revelação ao público da experiência de conversão religiosa do hegeliano Adolph Peter Adler com a publicação de *Alguns Sermões*<sup>89</sup>; apesar de o caso não ter sido referido em *Prefácios* (do mesmo modo que

<sup>84</sup> SKS 4, 495/ *Prefaces*, 33.

<sup>85</sup> SKS 4, 514/ *Prefaces*, 54.

<sup>86</sup> Alusão à *ecclesia triumphans* em oposição à *ecclesia militans*.

<sup>87</sup> Já na recensão de *Novos Poemas* de Heiberg, Martensen comentava de que modo a «oposição entre a igreja visível e a invisível espelha-se também na poesia...» Vd. *Perseus* nº 1, 1837, pág. 11. Esta distinção da Igreja Luterana entre uma igreja exterior e real e uma igreja interior e ideal, também é usada para distinguir entre os batizados e os crentes, assunto muito em voga na época, que leva Martensen a publicar em 1843 uma obra sobre o baptismo: *Den christelige Daab betragtet med Hensyn paa den baptistiske Spørgsmaal* [O baptismo cristão considerado em referência à questão baptista], København: C. A. Reitzel, 1843. Esta obra surge na sequência da controvérsia gerada na sociedade dinamarquesa por causa da propagação de uma vaga de baptistas em 1839, que leva o Bispo Mynster a exigir o baptismo das crianças e o crisma dos batizados. Apesar do apoio do governo, o assunto complicou-se e o Rei estipulou a liberdade de reunião e de comunhão para os baptistas, mas exigiu o baptismo das crianças em 1842. Contra isto muitos protestaram, incluindo o irmão de Kierkegaard, Mynster ficou isolado, e o assunto só foi resolvido em 1848.

<sup>88</sup> Em 1843 são publicadas obras sobre os conceitos da lógica especulativa: *Den speculative Logik i dens Grundtræk* [Fundamentos de lógica especulativa], København, 1841-44 e *Philosophiske Betragtninger over den Speculative Logiks Betydning for Videnskaben* [Considerações filosóficas sobre a importância da Lógica especulativa para a ciência] København: C. A. Reitzel, 1842, respectivamente pelos hegelianos Rasmus Nielsen (1809-84), e Peter Michael Stilling (1812-69), que são referidos no prefácio VII, respectivamente como «Sr. B.B.» e «Sr. C.C.», depois de Heiberg como «Sr. A.A.». É de assinalar o caso de Nielsen que pediu uma assinatura aos leitores para a obra por ele ainda não escrita, o que o colocava numa posição semelhante à da «promessa» de Heiberg.

<sup>89</sup> Adolph Peter Adler (1812-69), *Nogle Prædikener* [Alguns Sermões], København: C. A. Reitzel, 1843.

Kierkegaard nunca publicou o que escreveu sobre Adler), este assunto influenciou Kierkegaard bastante, atendendo ao facto de conhecer bem Adler desde os tempos da escola, e de ter recebido a sua visita na segunda metade do ano de 1843. Curiosamente, Adler tinha sido um seguidor apaixonado de Hegel<sup>90</sup> e pertencia ao grupo dos jovens hegelianos dinamarqueses inspirados por Martensen. Nesse mesmo ano, porém, teve uma visão de Cristo que lhe ordenou que queimasse os seus livros, declarando que lhe ditaria o seu próximo livro, nomeadamente *Alguns Sermões*. Talvez Notabene tivesse ido buscar a este acontecimento a sua inspiração para a ideia de queimar o manuscrito, no prefácio dos *Prefácios*. O Bispo Mynster suspendeu Adler em 1844 e já aqui era perceptível a tensão que faria de Kierkegaard um porta-voz para a polémica que opõe o indivíduo à Igreja.

Outra alusão a Martensen, referida no Prefácio II, é a expressão «temos de duvidar de tudo»<sup>91</sup>, que ele usava amiúde nas suas aulas na universidade e nas suas obras, e esta expressão tornou-se, em Kierkegaard, um mote alusivo a Martensen, conforme o diz Jon Stewart.<sup>92</sup> É evidentemente uma referência a Descartes para quem a verdade só pode ser atingida começando com a dúvida. O texto *Johannes Climacus ou De omnibus Dubitandum est*, escrito entre 1842 e 43, e não publicado em vida de Kierkegaard, já colocava em causa a questão de a filosofia começar com a dúvida. Johannes Climacus será também o autor de *Migalhas Filosóficas*, texto publicado quatro dias antes de *Prefácios*, e assinará a sua grande obra, o *Postscriptum Não-científico*<sup>93</sup>, em 1846. Notabene também escreve que não consegue ir «até ao pensamento vertiginoso de duvidar de tudo» e tem por isso o intento de

---

<sup>90</sup> Adler escreveu recensões sobre algumas obras de Heiberg e também publicou uma obra sobre Hegel em 1842, *Populære Foredrag over Hegels objective Logik*, [Leituras Populares sobre a Lógica Objectiva de Hegel], København: C. A. Reitzel, 1842.

<sup>91</sup> SKS 4, 482/ *Prefaces*, 18.

<sup>92</sup> Vd. Jon Stewart, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*: «This phrase thus served in Kierkegaard's works as a kind of code word for Martensen», p. 242.

<sup>93</sup> O título completo é: *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift til de Philosophiske Smuler. Mimisk-pathetisk-dialektisk Sammenskrift, Eksistentielt Indlæg, af Johannes Climacus. Udgiven af S. Kierkegaard* [Postscriptum Não-científico Conclusivo às Migalhas Filosóficas. Uma Compilação Dialéctica, Patética e Mimética, uma Alegação Existencial, por Johannes Climacus, publicado por S. Kierkegaard], København: C. A. Reitzel, 1846.

«concentrar a [sua] alma na tarefa mais humana de duvidar se todos os filósofos entenderiam o que diziam e o que se dizia.»<sup>94</sup>

Dado que Kierkegaard se considerava um autor religioso, procurou também aqui – nesta obra satírica – expor os seus conceitos religiosos, tomando parte na polémica, adoptando uma atitude controversa em relação à posição dogmática de Martensen<sup>95</sup>, que sempre foi um dos seus alvos, e que já é mencionado na última frase de *O Conceito de Ironia*. Martensen queria entender a religião e a existência, obter uma perspectiva harmónica do todo, e pretendia um lugar exacto para tudo, acreditando poder explicar o mistério da encarnação por via da comunicação directa – de acordo com a própria expressão de Martensen, «felizmente o cristianismo é comunicação directa».<sup>96</sup> A teologia começa com a fé, ora Martensen afirma que a filosofia começa com a dúvida, e o facto de ele repetir constantemente a expressão «*cogito ergo sum*» coloca implicitamente a questão de os hegelianos locais de Copenhaga, que aliavam a filosofia e a teologia, confundirem a fé com a dúvida. Porém, Notabene, Climacus, Vigilius Haufniensis e Kierkegaard estabelecem que «[a] dúvida não é conquistada pelo sistema, mas na vida.»<sup>97</sup>

Concluindo: *Prefácios* ataca a posição dogmática e elitista de Martensen para quem é central a autoridade na proclamação teológica<sup>98</sup>, e a igreja visível, e discorda com ele não só em relação à atitude de crer para poder saber – *Credo, ut intelligam* –, como também quanto à ideia de que o princípio da mediação é o princípio da cristandade.

---

<sup>94</sup> SKS 4, 510 / *Prefaces*, 49.

<sup>95</sup> Martensen é o representante da ordem contra a qual Kierkegaard se insurge no final da vida, no seu ataque contra a Igreja e é comparado no diário de Kierkegaard a «uma teia de mentira e de trivialidade». Vd. SKS 23, 111, NB16:27.

<sup>96</sup> A expressão de Martensen, «felizmente o cristianismo é comunicação directa», aponta para uma racionalização do cristianismo, para a possibilidade de esclarecer e falar do mistério da encarnação. Vd. Curtis L. Thompson, «Martensen: A Speculative Theologian Determining the Agenda of the Day», in *Kierkegaard's Research: Sources, Reception and Resources. Kierkegaard and his Danish Contemporaries*, red. Jon Stewart, vol. 7, Tome II, Theology, Aldershot: Ashgate, 2009, p. 249.

<sup>97</sup> SKS 4, 510 / *Prefaces*, 49.

<sup>98</sup> Na obra de Martensen sobre o baptismo (vd. nota 88) publicada em Maio de 1843, a ordenação é sublinhada como requisito para poder pregar sermões, o que talvez tenha levado Kierkegaard à escolha do título *Discursos Edificantes*.

### 3. Notabene e Hamann: uma questão de intertextualidade

Kierkegaard aprendeu com o autor alemão, Johann Georg Hamann, que a fé não é uma operação da razão. Na sua obra de 1759, *Memoráveis Socráticas*, diz Hamann: «A fé não é obra da razão e não pode, portanto, sucumbir a nenhum dos assaltos desta última; porque a fé assenta tão pouco em fundamentações quanto o paladar ou a visão»<sup>99</sup>. Aqui reside a grande ligação entre Hamann e Kierkegaard. Para Hamann a fé está fora do âmbito do nosso conhecimento e é uma forma de existência. Provas não podem levar o homem a ter fé em Cristo e esta era a problemática que ocupava Kierkegaard em 1844, quando escreveu *O Conceito de Angústia* e as *Migalhas*; Climacus afirma que «[a] fé não é uma forma de conhecimento»<sup>100</sup>. Kierkegaard procurou demonstrar na sua própria obra que a fé não tem de ser entendida. Esta afinidade com Hamann leva-nos aos motivos profundos sobre os quais assenta a obra *Prefácios*.

De acordo com Robert Perkins<sup>101</sup>, Sócrates é o fio unificador de *Prefácios*, ainda que aí só seja referido duas vezes. A razão para esta afirmação reside no facto de ser a procura da verdade o que move o autor do princípio ao fim<sup>102</sup>. Kierkegaard, conhecia muitíssimo bem as *Memoráveis Socráticas*, pelo que cabe aqui apontar a influência que Hamann exerceu sobre Kierkegaard, sublinhando alguns pontos comuns entre ambos. No plano autobiográfico, de acordo com Sergia Karen Hay<sup>103</sup>, a experiência religiosa que Hamann viveu em Londres, em 1758, «foi absolutamente decisiva para o resto da vida de

---

<sup>99</sup> Hamann, *Memoráveis Socráticas*, p. 58.

<sup>100</sup> SKS 4, 263.

<sup>101</sup> Robert L. Perkins, «Reading Kierkegaard's Prefaces with "Continual Reference to Socrates"» in *International Kierkegaard Commentary*, ed. Robert L. Perkins, vol. 9 & 10, Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 111-138.

<sup>102</sup> Hamann afirmava sobre «Sócrates [que] tratava de atrair os seus concidadãos dos labirintos dos eruditos sofistas para uma verdade que reside no oculto, para uma sabedoria íntima, dos altares idólatras dos sacerdotes devotíssimos e politicamente comprometidos para o serviço de um Deus desconhecido». Vd. *Memoráveis Socráticas*, p. 69.

<sup>103</sup> Hay, Sergia Karen, «Hamann: Sharing Style and Thesis; Kierkegaard's Appropriation of Hamann's Work» in *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources, Kierkegaard and his German Contemporaries*, Tome III, Vol. 6. Aldershot: Ashgate 2009, pp. 97-112.

Hamann»<sup>104</sup>; paralelamente, em Kierkegaard, o rompimento do noivado levou-o a voltar-se muito mais para a vida interior. Ambos se situaram à margem do mundo, o que lhes permitiu multiplicar as suas perspectivas, defendendo uma liberdade psíquica e económica, encontrando na escrita um lugar para pensar por conta própria, e servindo-se dela como vontade orientada para uma canalização produtiva da melancolia. A influência de Hamann sobre Kierkegaard é geralmente vista como centrando-se em volta de quatro aspectos dominantes: a existência cristã, a comunicação indirecta, a ignorância socrática e a ideia de humor. Tanto Hamann como Kierkegaard discutem nas suas obras a problemática religiosa cristã, onde a verdade e a fé são temas centrais. Citando Hay, «Kierkegaard adaptou certamente para si próprio alguns dos métodos de “comunicação indirecta” de Hamann»<sup>105</sup>. Ao usar a expressão «Escrevi sobre Sócrates de um modo socrático», Hamann<sup>106</sup> serve-se da máscara como de um disfarce pseudónimo. Acima de tudo, tanto Kierkegaard como Hamann tinham em Sócrates um exemplo, e Hamann apresenta Sócrates como um génio que mostra os limites da razão. O conceito de ironia já tinha sido o tema escolhido por Kierkegaard para a sua dissertação, e – note-se – com o subtítulo «*com constante referência a Sócrates*». Encontramos em ambos uma deliberada intenção filosófica no uso da ironia, sobre o qual me debruçarei no próximo capítulo.

De qualquer modo, Sócrates e Hamann estão presentes ao longo da vida e da obra de Kierkegaard que se interroga no seu diário:

«Não é notável que o maior mestre de ironia e o maior humorista, separados por 2000 anos, se pudessem juntar para fazer e admirar o que seria de supor ser feito por qualquer um, se os factos não demonstrassem o contrário. Hamann diz de Sócrates: «Ele foi grande porque distinguiu entre o que entendia e o que não entendia»».<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> Idem, p. 98.

<sup>105</sup> Idem, p. 106.

<sup>106</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 16.

<sup>107</sup> *Pap.* V B 44/JP 2, 1554.

Tanto Hamann como Kierkegaard são inimigos do pensar normativo, e posicionam-se perante o mundo de forma semelhante – como observadores –, pelo que a diversidade e a ambiguidade do seu pensamento colocam frequentemente o leitor numa posição de perplexidade. A ignorância socrática, método a que ambos recorrem para desenvolver a reflexão, é referida por Hamann como a qualidade de génio que mostra os limites da razão, e Kierkegaard, no seu diário, concede a Hamann não só ter entendido a ignorância socrática, como ser um exemplo vivo da mesma. A humildade de Sócrates é sublinhada por Hamann, e posta em paralelo com a humildade do filho de Deus que se fez carpinteiro para estar entre os homens; para Climacus, este paralelismo entre Sócrates e Cristo está na base de uma das vertentes do pensamento e da argumentação de *Migalhas Filosóficas*.

Apesar das suas óbvias diferenças, os paralelos entre *Prefácios* e *Memoráveis Socráticas* são notáveis: Podemos referir desde já como factores comuns de grande importância a defesa da singularidade, e o propósito de contrapor um estilo ou uma forma diferente da prática literária e filosófica mais típica da época em que cada um dos textos se inscreve.

Com base na teoria de Riffaterre, cujo método foi explicado na introdução desta tese, far-se-á uma análise comparativa entre as duas obras, e simultaneamente procurar-se-á identificar os subtextos principais de *Prefácios*. De acordo com Riffaterre, o subtexto é construído numa oposição diametral entre um tópico relativamente sem importância, uma insignificância, e uma função hermenêutica de grande alcance, estabelecendo uma dialéctica entre significância e insignificância que é repetitiva e cumulativa. Lembro aqui o início de *Prefácios*:

É uma experiência amiúde comprovada o facto de, por uma insignificância, um pormenor, uma expressão inadvertida, uma exclamação descuidada, um semblante

casual, um gesto involuntário, se ter ocasião de nos insinuarmos no íntimo de alguém e de descobrirmos o que havia escapado à observação mais atenta.<sup>108</sup>

De facto, a intenção da obra de Notabene é servir-se das banalidades circunstanciais da sua sociedade, para lhes contrapor uma definida atitude ética, fundada na procura de uma verdade interior pelo indivíduo singular. O discurso sobre a insignificância e a trivialidade vai tecer-se ao longo de *Prefácios*, constituindo-se como um subtexto importante. O próprio Notabene, enquanto marido que não cumpre os seus deveres, parece ver-se reduzido pela sofística da mulher a um «*encliticon*», e, no Prefácio I, o livro é visto apenas como um «requintado presente, que até mesmo poderá ser pendurado na árvore de Natal por uma fita de seda incluída no estojo dourado»<sup>109</sup>. No Prefácio II, dando os livros muito trabalho de leitura ao público, deve-se pois reduzi-los a recensões ou até mesmo ao seu simples anúncio. No Prefácio III, é «inabalável»<sup>110</sup> a fé, mas é a fé em publicações pelo Ano Novo. No Prefácio IV, a figura pública de Heiberg é trivializada e entronizada como um «heiduque»<sup>111</sup>, e no Prefácio V, a importância da «Associação de Total Abstinência» é colocada em paralelo com a insignificância do indivíduo isolado, numa problemática banal, que gira em volta de não se beber vinho. O Prefácio VI aborda o equívoco de a pessoa culta se intitular trivialmente cristã. No Prefácio VII, Notabene propõe que se publiquem anúncios no jornal para aulas de mediação, depreciando a palavra, e colocando-a ao nível do saber barato. A trivialidade assume a função de um subtexto que alerta o leitor para valores bem mais essenciais. Ora, em Hamann, os acontecimentos triviais também são de igual modo sublinhados para demonstrar a grandeza da vida de Sócrates. Por detrás das muitas trivialidades que Notabene observa, estão os valores socráticos, e Sócrates torna-se

---

<sup>108</sup> SKS 4, 467/ *Prefaces*, 3.

<sup>109</sup> SKS 4, 478/ *Prefaces*, 14.

<sup>110</sup> SKS 4, 485/ *Prefaces*, 22.

<sup>111</sup> SKS 4, 486/ *Prefaces*, 23.

assim ponto de referência implícito, referido até por Notabene, no prefácio VII<sup>112</sup>, de um modo muito semelhante à forma como Hamann o descreve nas *Memoráveis Socráticas*:

Sócrates contudo não se fez autor, e neste aspecto agia em total acordo consigo mesmo [...] A sua filosofia adequava-se a todos os lugares e a todos os casos. O mercado, o campo, um banquete ou a prisão serviam-lhe de sala de aula; e qualquer *quodlibet* da vida ou das relações humanas lhe servia para espalhar a semente da verdade<sup>113</sup>

Ambos os autores aludem a Sócrates, referindo o mercado e Xantipa<sup>114</sup> e é exímio o papel da mulher de Notabene no Prefácio dos *Prefácios*, abrindo a obra com o conflito conjugal, onde a mulher apresenta uma argumentação sofisticada em relação aos deveres no casamento e em relação ao propósito do marido querer ser um autor<sup>115</sup>; ela é referida como *hostis domesticus*<sup>116</sup> e a situação evoca a de Sócrates com Xantipa. Hamann comenta em relação a Sócrates, que «[t]alvez em casa lhe faltasse também a calma, o silêncio, a serenidade de que um filósofo precisa para escrever, se deseja instruir-se e dar prazer a si mesmo e aos outros»<sup>117</sup>.

Outro aspecto a referir é o do imbecil, do estúpido, do ignorante, do lunático que nos remetem para a sábia ignorância socrática. Kierkegaard era visto como um original em Copenhaga, e Hamann foi considerado pelos seus amigos «aufklärer» como um lunático, assim como «...Sócrates continuou ignorante»<sup>118</sup> e teve de «desempenhar o papel de um idiota»<sup>119</sup>. No Prefácio VIII é feita uma verdadeira apoteose da estupidez e Kierkegaard

---

<sup>112</sup> SKS 4, 503/ *Prefaces*, 42.

<sup>113</sup> *Memoráveis Socráticas*, p.73.

<sup>114</sup> SKS 4, 506/ *Prefaces*, 45.

<sup>115</sup> Notabene é um homem casado que é obrigado a desistir de escrever livros por razões de concórdia matrimonial, obtendo em contrapartida, e a custo, a autorização para escrever prefácios. Notabene evolui do prefácio de *Prefácios*, onde mostra o desejo de querer ser autor, para adoptar, no Prefácio VII, a posição de já não o querer ser, e, no Prefácio VIII, a posição mais humilde de apenas procurar obter respostas às suas questões.

<sup>116</sup> SKS 4, 475/ *Prefaces*, 12.

<sup>117</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 75. Acrescenta mais adiante: «Mas, entretanto, teremos que quase admitir que era necessária uma fera doméstica desse tipo para formar um sábio como Sócrates», p. 75; e diz ainda: «...por via das limitações de Xantipa e da repugnância que tais ideias nela despertavam...», p. 76.

<sup>118</sup> Idem, p. 46.

<sup>119</sup> Idem p. 40.



refere «o estranho Hamann» na epígrafe inicial de *O Conceito de Angústia*, onde insiste na necessidade em fazer distinções<sup>120</sup>.

Hamann e Kierkegaard usam o método socrático como modelo para a sua crítica. Hamann diz que «[a]os críticos não agradavam as alusões de Sócrates e censuravam-lhe as comparações que introduzia no seu discurso por as acharem umas vezes demasiado exageradas, outras demasiado vulgares»<sup>121</sup>, e dá-lhe razão, a «esse mestre dos homens, manso e humilde de coração – [por ser] obrigado a lançar, um após outro, os seus gritos de maldição contra os eruditos e os piedosos do seu povo»<sup>122</sup>; ora é precisamente o que Notabene faz contra Heiberg, Martensen e a elite cultural de Copenhaga; Notabene também desmascara, no Prefácio II, os críticos literários: «Reconhecem-se com facilidade pelo olhar de espia, pelo irrequieto lance de olhos, pelos pescoços esticados, pelas orelhas arrebitadas: são os críticos literários»<sup>123</sup>, fazendo-o de forma semelhante à de Hamann, que escreve: «os novos cépticos [que] se envolvam na pele de leão da ignorância socrática, acabam sempre por deixar-se trair pela voz e pelas orelhas»<sup>124</sup>. A crítica, os críticos, o público leitor, representam também outro importante subtexto na obra *Prefácios*, aliado à função de oferecer «uma leitura divertida» ou de «aliviar o tédio»<sup>125</sup> ao público, intenção comum nas duas obras. Para isso, o estilo de ambos apoia-se numa imitação do estilo de outros, com o intento de recordar ao leitor os textos para os quais pretendem remeter – em Hamann, as *Memorabilia* de Xenofonte<sup>126</sup>, e em Notabene, directamente os escritos de Heiberg e Martensen, e, para nós leitores, indirectamente as *Memoráveis* de Hamann. Este

---

<sup>120</sup> «O tempo das distinções está acabado, o sistema superou-o. Quem as apreciar nos nossos dias é um *original*, cuja alma se apegava a algo há muito desaparecido. Assim terá de ser, porém Sócrates permanece o que era, o simples sábio com a sua insólita diferenciação, que ele próprio expunha e apurava, e só dois mil anos depois o estranho Hamann repetiu com admiração: “Pois Sócrates era grande ‘por distinguir entre o que entendia e o que não entendia’ ”», vd. SKS 4, 310.

<sup>121</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 77-78.

<sup>122</sup> *Idem*, p. 76-77.

<sup>123</sup> SKS 4, 480 / *Prefaces*, 16.

<sup>124</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 55.

<sup>125</sup> Hamann diz: «A minha intenção não é ser um *historiógrafo* de Sócrates; escrevo tão-somente as memoráveis de Sócrates para aliviar o tédio do estimado público». Vd. *Memoráveis Socráticas*, p. 30.

<sup>126</sup> Xenofonte (430 a. C. -355 a. C), ateniense discípulo de Sócrates.

último escreve sarcasticamente que «apenas procuro imitar a cadência e o tom da multidão dos eruditos e obsequiar com essa imitação aqueles que quero servir com o que escrevo»<sup>127</sup>, assim como Notabene se serve do que Heiberg disse, para o ridicularizar.

Além de Heiberg ter criticado *A Repetição* em *Urania*, também declarou publicamente nessa revista o seu interesse pela astronomia, refugiando-se do debate público no seu observatório com catorze telescópios<sup>128</sup>. No prefácio IV, Notabene refere-se mordazmente à ocupação de Heiberg com a astronomia, com a seguinte tirada:

[...] os últimos estudos de astronomia, de astrologia, de quiromancia, de necromancia, de horoscopia, de metoscopia, de cronologia do Senhor Professor virão a ser para bem da ciência e da humanidade.<sup>129</sup>

Este acima citado rasgo literário de *Prefácios* poderá ganhar importância para o leitor, se for intertextualizado com o seguinte trecho de as *Memoráveis Socráticas* de Hamann, que menciona não só a adesão à astrologia, mas também à profecia, à posição de importância «estatal» perante o «imbecil», acrescentando-lhe ainda a ideia de elaborar almanaques e de propor «sistemas» e «projectos»:

Por isso mesmo quis a filosófica deusa da sorte continuar a conceder a sua provada amizade ao imbecil e, graças à providência da deusa, as ideias do pobre conseguiram escapar às traças por mais tempo que as alvas vestes e os roçagantes robes, por mais tempo que as hipóteses e fórmulas ocas dos congeminadores de calendários, sistemas e projectos, dos videntes astrológicos e estatais.<sup>130</sup>

---

<sup>127</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 22.

<sup>128</sup> Lembro ainda neste contexto o paralelo entre Heiberg e Hegel, tendo este último escrito a sua dissertação em Jena em 1801 «Sobre a órbita dos planetas», o que seria certamente motivo de regozijo para Heiberg, que já se vangloriava de ter nascido no mesmo dia em que o conhecido astrónomo dinamarquês Tycho Brahe tinha vindo ao mundo.

<sup>129</sup> *SKS 4 487/ Prefaces 24*.

<sup>130</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 46-47. Além de outros excertos no mesmo livro: «Para um filósofo de gosto hodierno, contudo, a transmissão de um oráculo divino diz tão pouco quanto a passagem de um cometa. Em sua opinião, cada vez que nos surgirem oráculos, aparições, sonhos e outros meteoros da mesma espécie. [...]» Vd. *Memoráveis Socráticas*, p. 41. E ainda: «[...]a loucura, a imaginação, a fé posta em tais coisas deu e poderá dar origem em cada momento e em cada lugar a milagres bem maiores do que aqueles que alguma vez foram ou venham a ser atribuídos aos cometas, aos oráculos ou aos sonhos», vd. p. 44.

O leitor verá nesta sentença de Hamann uma sucessão de atributos com uma indubitável similaridade com os muitos afazeres de Heiberg, e poderá entender assim melhor a ideia, com este paralelismo, do que Notabene/Kierkegaard deseja para a filosofia – ser mais socrática e menos hegeliana.

O sistema hegeliano era a grande inspiração de Heiberg, que prometeu apresentar na Dinamarca um sistema de lógica e um sistema de estética, acabando por nunca cumprir a promessa. Assim, a promessa apresenta-se como outro importante subtexto de *Prefácios*, à qual é feita constante alusão para criticar Heiberg. Notabene associa, no Prefácio introdutório, a promessa à fidelidade conjugal, e, no Prefácio I, promete logo um sistema, tal como Heiberg o fez. Hamann também refere as promessas dos sofistas:

[...] cada nova seita de sofistas prometia uma enciclopédia da sã razão e da experiência. Tais projectos eram portanto as guloseimas que Sócrates procurava levar os seus concidadãos a repudiar. Atenas, que segundo se conta terá condenado Homero a uma multa por loucura, condenou Sócrates à morte por transgressão das leis.<sup>131</sup>

Reencontramos em Notabene este papel transgressor, rebelde, que se distancia das teorias, para atacar, nos representantes hegelianos dinamarqueses, «o sistema», que funciona como um subtexto marcante ao longo de *Prefácios*. Se a intertextualidade deste subtexto sobre o «sistema» aponta em primeiro lugar para as obras dos hegelianos dinamarqueses, designadamente para as de Heiberg, também remete para a oposição ao cânone que já é notória em Hamann: «Dos juízos que acabo de pronunciar sobre estes sérios e subtis ensaios de um sistema crítico da História Filosófica conclui-se, com toda a probabilidade, que não li nenhum deles [...]»<sup>132</sup>; o próprio Hamann também não quer deixar de incluir Sócrates no grupo dos rebeldes: «Sócrates imitou o uso ancestral, de modo

---

<sup>131</sup> *Memoráveis Socráticas*, p. 77.

<sup>132</sup> *Idem*, p. 22.

que as suas Graças contradiziam os costumes contemporâneos relativos ao sistema das divindades e às belas-artes que nesse sistema se fundavam»<sup>133</sup>.

Notabene dirige um ataque contra a opinião massiva, contra o público acomodado às ideias da época, ao visar as comunidades e as associações populares<sup>134</sup>. O prefácio V ataca a diluição da opinião individual na sociedade. Também Hamann lembra a falta de integração de Sócrates:

A veneração que tinha pela palavra que ouvia no seu coração, a cujo som estava sempre atento, desobrigava-o de assistir às assembleias políticas. [...] O fereceu-se para ocupar um lugar no Conselho – onde veio a tomar assento como membro, presidente da sua secção e chefe máximo. Mas aí não só se expôs ao ridículo, com a sua falta de jeito para a recolha dos votos e para outros costumes, como, segundo parece, chegou também a tornar-se suspeito de sedição [...].<sup>135</sup>

A sedição ou insurreição da mulher de Notabene pelo fogo causa grande divertimento ao leitor, na cena onde ela põe o manuscrito em chamas, simulando interesse enquanto Notabene lho lê. Sem dúvida que o fogo aqui surge como uma mensagem do inconsciente, como o símbolo do desejo de retaliação que anima a escrita de Notabene contra Heiberg<sup>136</sup>. Há várias menções a manuscritos postos em chamas em Hamann; por exemplo na seguinte passagem:

Pois se Ele mesmo se tornou escritor e se o Espírito de Deus foi tão rigoroso na determinação do valor dos primeiros livros proibidos que foram sacrificados às chamas por um piedoso zelo da nossa religião. Em Pompeu admiramos como acção inteligente e nobre o facto de ter destruído os escritos do seu inimigo Sertório [...] Tivéssemos nós mais do que aquilo que o tempo nos quis oferecer e seríamos obrigados a atirar a nossa carga pela borda fora, obrigados a deitar fogo às nossas bibliotecas ou a fazer o que os holandeses fazem às especiarias.<sup>137</sup>

---

<sup>133</sup> Idem, p. 35.

<sup>134</sup> De acordo com Carmo Ferreira, na sua introdução aos *Prefácios* de Hegel (vd. pp. 9-24), o hegelianismo defendia a integração do indivíduo na comunidade, e tanto Heiberg como Martensen salientavam a participação social e religiosa. As sociedades multiplicavam-se na época, e esperava-se que qualquer indivíduo se integrasse numa delas.

<sup>135</sup> *Memoráveis Socráticas*, pp. 71-72.

<sup>136</sup> Neste contexto há que lembrar o assunto, já anteriormente referido, do hegeliano dinamarquês Adolph Peter Adler, que queimou os seus textos sobre Hegel em 1843, na sequência de uma experiência religiosa.

<sup>137</sup> *Memoráveis Socráticas*, pp. 27-28-29.

É igualmente questão, em Hamann, de uma resposta divina pelo fogo aos sacerdotes e idólatras, logo no início da primeira dedicatória:

*Tu tens um nome e não precisas de qualquer prova da Tua existência; Tu despertas fé [...] Sabemos que os ídolos nada são neste mundo [...] porventura estarás a dormir quando os Teus sacerdotes em altas vozes por Ti clamam e quando a eles, como àquele que deles zomba, devias responder com o fogo.*<sup>138</sup>

Esta fúria contra os «sacerdotes» do público lembra-nos a cólera de Jesus contra os vendilhões do templo. Apontam ambos os autores para a confusão entre os valores materiais e espirituais, e destacam nas suas obras, com especial atenção, o dinheiro, apontando para o custo, o valor, a comercialidade no mundo, e para a ganância dos homens. No início de *Memoráveis Socráticas*, Hamann refere-se à «desordem do sistema monetário»<sup>139</sup>, e Notabene satiriza a reedição profícua, a ornamentação apelativa do livro, e refere directamente o seu preço no Prefácio III<sup>140</sup>; Notabene cita a este mesmo respeito ainda Hamann no final do Prefácio VII<sup>141</sup>. Hamann também emprega uma analogia entre as palavras e o dinheiro:

As palavras, como os números, obtêm o seu valor do lugar que ocupam; e os respectivos conceitos são, na sua determinação e relações, tão mutáveis como as moedas [...] e quando um tolo qualquer papagueia a mesma frase ... fica claro que verdades idênticas podem ser pronunciadas com espírito muito contrário.<sup>142</sup>

O uso de imagens idênticas, tal como esta do papagaio, é frequente e reencontramo-la em Notabene para ironizar sobre a falta de originalidade dos hegelianos dinamarqueses:

---

<sup>138</sup> Idem, p. 9.

<sup>139</sup> Idem, p. 12.

<sup>140</sup> SKS 4, 485/ *Prefaces*, 22: «Esta segunda edição não sofreu alterações, e está à venda pelo módico preço de três marcos, ou seja um oitavo do preço de livraria da primeira edição.»

<sup>141</sup> SKS 4, 507/ *Prefaces*, 46: «Não apenas um ὁρμή (impulso), mas um *furor uterinus*, incitaram-me a escrever a maioria dos textos. Em vez de receber dinheiro, teria preferido dá-lo, e incitado a reacção de outros autores.»

<sup>142</sup> *Memoráveis Socráticas*, pp. 51-52.

O décimo primeiro livro, que é a mediação, nenhuma ideia nova apresenta, é tão-somente diferente dos anteriores na palavra: mediação, que aparece várias vezes em cada página [...] Como isto não parece ser mais difícil de aprender a dizer, já que até um papagaio diligente conseguiria aprendê-lo, fica assim com esta palavra pregado o evangelho a todas as cabeças triviais [...].<sup>143</sup>

Ambos os autores usam outras imagens, tal como por exemplo a do prato, mas enquanto que Notabene considera que «ser autor em Copenhaga, [...] é quase tão incomodativo como ter de se esconder sobre um prato.»<sup>144</sup>, Hamann usa esta imagem noutro sentido, para indicar o indivíduo que se junta às massas e, nesta locução, o leitor é forçosamente levado a pensar nas *Migalhas Filosóficas* de Climacus:

Quem não sabe viver de *migalhas* [...] quem não sabe a tudo renunciar por uma espada, não está preparado para servir a verdade. Que se torne depressa um homem do mundo, racional, útil, amável, ou que aprenda a fazer vénias e a lambar pratos: assim ficará seguro para toda a vida quanto à fome e à sede, quanto ao patíbulo e à roda.<sup>145</sup>

Também podemos ler em Hamann que Sócrates «[d]istinguia nos escritos de Heraclito aquilo que não entendia daquilo que neles lhe era dado entender»<sup>146</sup>, acrescentando:

Em tal circunstância falava Sócrates de leitores que sabem nadar. As correntes de ideias e de impressões que confluíam na vívida elegia do filósofo [ou seja, Heraclito] faziam das suas frases, digamos, uma quantidade de pequenas ilhas, às quais faltavam – para a respectiva união – as pontes e barcaças do método.<sup>147</sup>

Similarmente, *Prefácios* de Notabene surge como uma série de textos solitários e independentes, cuja relação à primeira vista nos parece desconexa e nos obriga a uma procura ágil para estabelecer e compreender a sua união ou o seu método, induzindo no leitor a ideia do texto fragmentário.

---

<sup>143</sup> SKS 4, 498 / *Prefaces* 36.

<sup>144</sup> SKS 4, 479/ *Prefaces*, 15.

<sup>145</sup> *Memoráveis Socráticas*, pp. 83-84.

<sup>146</sup> Idem, p. 17.

<sup>147</sup> Idem, p. 17-18.

Concluindo: Depois de verificar de imediato uma oposição directa a Heiberg e a Martensen, em Notabene, o leitor apercebe-se de uma sintonia subtil entre a obra *Prefácios* e a obra *Memoráveis Socráticas* de Hamann, que exibem uma concordância tanto a nível da linguagem, como a nível da atitude existencial, interligadas como estão numa postura socrática.

## **CAPÍTULO II**

**A filosofia em fragmentos**

**ou**

***Prefácios como filosofia***



# 1. O fragmento como forma de pensar

A ideia do incompleto, do fragmentário responde obviamente à questão muitas vezes levantada sobre o «porquê escrever uma obra só de prefácios». Ora o fragmento é uma importante ferramenta para o pensamento e representa o modo de pensar sobre o pensamento. O fragmento possibilita a expressão de um sentido que só se manifesta completo como forma de um texto para a actividade de pensar, e é assim da mesma natureza que a unidade de sentido que ele expressa: aberto e inacabado, resistindo assim à possibilidade imediata de totalidade e de completude. Ora essa totalidade, essa compreensão total e sistemática do mundo, é posta em causa por Kierkegaard. *Prefácios* opõe-se à estrutura da totalidade com o seu fragmentarismo, e, apesar da promessa irónica de Notabene no final do Prefácio I<sup>148</sup>, o livro que acaba por não ser escrito é aquele que trata o sistema, porque Kierkegaard/Notabene não usa a «tendência sistemática» por ele referida no Prefácio VI<sup>149</sup>, não escreve para «apontar continuamente para além de si próprio, para conduzir o leitor para o total»<sup>150</sup>, mas sim para si mesmo.

Segundo Helena Topa, «[a] instabilização que o fragmento traz ao sistema dos géneros [...] corresponde a uma concepção de escrita radicalmente moderna, na sua precariedade, na recusa do definitivo, da grande composição»<sup>151</sup>. O fragmento tem uma natureza subversiva e dinâmica e desafia qualquer classificação, porque nele todas as fronteiras entre os géneros foram derrubadas. O método que Notabene se propõe usar é a técnica de destruição da certeza, para orientar o pensamento do leitor em direcção a uma postura mais interrogadora e exigente, para que confie mais na independência do seu

---

<sup>148</sup> «Portanto, eu juro: realizar o mais depressa possível um plano concebido para trinta anos; publicar um sistema lógico, libertar-me o mais depressa possível do juramento feito por mim há dez anos relativo a um sistema estético; além disso, prometo um sistema ético e dogmático e, finalmente, o sistema. Mal seja publicado, as gerações vindouras não terão sequer a necessidade de aprender a escrever, pois mais nada haverá para escrever, mas tão-somente para ler — o sistema». *SKS* 4, 478/ *Prefaces*, 14.

<sup>149</sup> *SKS* 4, 493 / *Prefaces*, 31.

<sup>150</sup> *Idem*.

<sup>151</sup> Topa, Helena, «Das fronteiras do Género às fronteiras Discursivas: Aforismo, fragmento e ensaio», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 11, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pág. 28.

pensamento individual e na sua experiência, em vez de confiar no saber herdado e dogmático.

Apesar de uma tentativa de diferenciação entre fragmento e fragmentário, incorremos automaticamente numa ligação entre eles, o que pode gerar confusões; Camelia Elias escreve que: «O fragmento contém o fragmentário, o fragmento explica o fragmentário, enquanto que o próprio fragmento se mantém por definir»<sup>152</sup>. Em relação à obra *Prefácios* é importante entender o termo «fragmento» numa acepção moderna e não romântica, uma vez que o termo fragmento surge vulgarmente associado ao Romantismo. A era romântica deu primazia à individualidade, ao sentimento, à paixão, à vivência, à liberdade e com a ampliação destes ideais foi-se quebrando a totalidade, a harmonia entre o sujeito interior e o mundo exterior; por isso, o sujeito romântico não encontra expressão na forma finita e fechada e, para ele, o fragmento torna-se a melhor forma de manifestação possível, por não impor limites ao autor e por permitir a reflexão espontânea e autêntica. A procura de uma união entre a ciência, a filosofia e a poesia marca a geração romântica e vem expressa no conhecido fragmento 116 da *Athenaeum* que preconiza uma poesia universal. É de notar que Kierkegaard se situa dentro da tradição romântica e também ele exprime, trabalha e observa as emoções, também ele advoga a autonomia do indivíduo, também ele se rebela contra o sistema e a estrutura da totalidade, que delimitam a liberdade e a infinitude do espírito. Criticou porém os românticos, designadamente na sua dissertação, pela tendência idealista de não estabelecer com a realidade uma relação autêntica, como será visto a seguir. Novalis chama aos seus fragmentos «pensamentos soltos», e «começos de interessantes sequências para o pensamento – textos para pensar»<sup>153</sup>, e para este autor, pensar é, antes de tudo, caminhar, e o fragmento, enquanto

---

<sup>152</sup> Elias, Camelia, *The fragment: Towards a history and Poetics of a Performative Genre*, Peter Lang, 2004, p. 243.

<sup>153</sup> Novalis na carta de 26 de Dezembro de 1798 a August Cœlestin Just, de acordo com o artigo de Maria Cristina dos Santos de Souza, «O fragmento ou aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para

expressão do pensar é, essencialmente, indicador de caminho. Kierkegaard, tal como Novalis e Hamann, serve-se amiúde da imagem do caminho nas suas obras, e vai observando e reflectindo durante as suas muitas caminhadas pelas ruas de Copenhaga. Porém, Kierkegaard usa o discurso fragmentário apenas como uma afirmação de liberdade, sem aplicar ao fragmento a importância formal que lhe é dada pelos românticos alemães. O fragmento foi explicitamente proclamado por Friedrich Schlegel<sup>154</sup>, na revista *Athenaeum*, como uma forma eminentemente romântica e o próprio Schlegel, representante e teórico da «Frühromantik» de Jena, publicou *Fragmentos críticos* e *Fragmentos*<sup>155</sup>, pelo que nos é incontornável fazer algumas breves considerações sobre o fragmento romântico face à obra *Prefácios*, aqui apresentada como texto fragmentário. Tanto os Schlegel, como Novalis e outros românticos, desenvolveram o fragmento como forma literária. Para os românticos, o fragmento deveria ser uma pequena obra de arte independente do mundo e perfeitamente recolhida em si própria como o prescreve o fragmento 206 do *Athenaeum*<sup>156</sup>. Mas a obra *Prefácios* não está de forma alguma «independente» do ambiente que a rodeia, e pretende, pelo contrário, interagir e provocar esse mesmo mundo, não devendo ser pois vista como um conjunto romântico de «fragmentos», antes patenteando uma estrutura fragmentária, o que, por sua vez, é acentuado pelo título. Aliás, encontramos essa mesma estrutura fragmentária igualmente nas obras pseudónimas de Kierkegaard. Cada prefácio de Notabene é uma reacção ao discurso sistemático, metódico e ordenado da filosofia do seu tempo, é uma renúncia ao sistema, optando pelo prefácio sem livro, pela forma fragmentária que assume uma função de «tese», para revelar o propósito de se constituir

---

os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche» in *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, 1º semestre de 2008, vol. I, nº1, Rio de Janeiro, p.77. (<http://www.tragica.org/edicoes-antiores/no-01/>, consultado a 7/9/2012).

<sup>154</sup> Karl Wilhelm Friedrich Schlegel (1772-1829).

<sup>155</sup> «Athenaeums-Fragmente» e «Lyzeums-Fragmente» in *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*. Erste Abteilung: Kritische Neuausgabe, Band 2, München, Paderborn, Wien, Zürich 1967, p. 147-164.

<sup>156</sup> «Ein Fragment muß gleich einem kleinen Kunstwerke von der umgebenden Welt ganz abgesondert und in sich selbst vollendet sein wie ein Igel.» [Um fragmento deve ser, tal como uma pequena obra de arte, totalmente independente do mundo que o circunda e estar completo em si mesmo como um ouriço].

como um todo textual. Mais a propósito da obra de Notabene seriam de referir os fragmentos de Heraclito<sup>157</sup> em vez de os fragmentos românticos. Tal como Hamann, Kierkegaard refere inúmeras vezes Diógenes Laércio, que escreveu sobre Heraclito, relatando que este último teria dito, em criança, que nada sabia, para depois declarar que sabia tudo, além de que não seguia ninguém, mas que se interrogava a si próprio<sup>158</sup>; esta atitude de Heraclito pode certamente juntar-se à atitude mais tarde defendida por Sócrates. Ora Heraclito expressa nos seus fragmentos muitas ideias de algum modo semelhantes às que Notabene defende<sup>159</sup>. Notabene recorre também, no Prefácio VIII, ao aforismo de Hipócrates<sup>160</sup>: «a arte é longa, a vida breve». O aforismo, também um estilo fragmentário da escrita filosófica, significa em grego «o que se separa do resto e determina», i.e. reporta-se à distinção que Kierkegaard pretende sublinhar nas suas obras de 1844. O fragmento e o aforismo caracterizam mais um género de pensamento do que um estilo de escrita, mais precisamente, o modo de apreensão da verdade, e ambos se relacionam com a existência humana, dispondo o pensamento à decifração e à interpretação do sentido. Relembro aqui os inúmeros aforismos que povoam os diários de Kierkegaard, e os «Diapsalmata» que iniciam a sua obra *Ou-Ou*, aliás já com o subtítulo *Um Fragmento de Vida*. Kierkegaard serve-se aliás eminentemente da escrita fragmentária logo a partir desta obra, exemplar da fragmentaridade do discurso do autor, atendendo à heterogeneidade dos capítulos que a constituem, e que não manifestam propriamente uma coerência ou continuidade entre si. Há porém que manter bem clara a diferença entre esta escrita fragmentária de Kierkegaard, que serve os propósitos filosóficos do autor, e o fragmento romântico propriamente dito que se assume como uma nova forma literária. Poderíamos referir outras formas

---

<sup>157</sup> Heraclito de Éfeso (c. 535 a.C. – c. 475 a.C.), filósofo grego pré-socrático.

<sup>158</sup> Laertius, Diogenes, *Lives of Eminent Philosophers: Life of Heraclitus*, translated by Robert Drew Hicks, in The Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1925.

<sup>159</sup> A este propósito viriam os seguintes fragmentos de Heraclito: 8: «Examinei-me a mim próprio»; 61: «A natureza humana não tem real entendimento, só o tem a natureza divina»; 98: «A oposição traz a concórdia. Da discórdia surge a mais bela harmonia». Vd. Heraclito, *Heraclitus, The Complete Fragments*, translation and commentary and the Greek text by William Harris, Middlebury VT: Middlebury College, 1994.

<sup>160</sup> Hipócrates de Cos (c. 460 a. C. - 370 a. C.).

fragmentárias, mas basta nomear ainda aquela que também foi muito usada no romantismo, assim como por Kierkegaard nas suas obras – a carta –, que se inscreve numa totalidade de troca comunicativa e representa, como tal, apenas uma parte, um dos aspectos da comunicação. Esta forma de expressão serve outros propósitos por oposição aos das exposições mais teóricas ou pedagógicas, dominadas por um estilo explicativo.

Com *Prefácios*, Notabene pretende precisamente jogar com a ideia da oposição entre algo acabado e algo em aberto, i.e. o livro e o prefácio, algo dirigido para fora e voltado para dentro, i.e. uma invectiva polémica e uma atitude interior, algo situado entre a vida particular e a vida pública, que trata de filosofia e teologia. A intenção de divertir vem com a de educar, retomando aqui também a ideia romântica de Novalis que afirmava ter uma missão, que era a de ter sido chamado para educar na terra. O texto inacabado, o fragmento, o prefácio sem o livro, emerge assim como um novo género, à margem da categorização estabelecida dos géneros, e evolui para aquilo a que Notabene chama «a emancipação do prefácio». Elabora pois uma concepção de prefácio, que se situa entre o texto anunciador de uma obra, e o texto que funciona no plano da alusão, isto é, vai acrescentar ao valor introdutório do termo prefácio o valor reflexivo próprio do fragmento que abre para um sentido potencial, dando o texto assim por acabado e livre de qualquer continuação literária. O prefácio passa a ser livro, a filosofia, que habitualmente tudo quer sistematizar, passa a fragmento.

Acima de tudo, o texto fragmentário é expoente de uma outra forma de fazer filosofia, diferente da habitual, e é característico da modernidade, expressando a solidão da subjectividade consciente do autor; são elementos desta atitude cognitiva a subjectividade, a assistemática e a reflexividade. Segundo Camelia Elias, «[o] fragmento moderno é a condensação de textos sobre textos, intertextos sobre intertextos, inícios sobre finais, uma escrita fragmentária com um pé na tumba.» Ela diz também: «O fragmento é a

autobiografia do incurável.»<sup>161</sup> Não podemos deixar de pensar na impressionante produção literária de Kierkegaard que é, por isso, acusado de hipergrafia, de compulsão da escrita. É notável também a produção deste autor que em três anos (entre 1843 e 1845) publica quinze livros. Kierkegaard escreveu os seus *Prefácios* com trinta e um anos, e a necessidade de escrever a este ritmo alucinante pode dever-se ao facto de ter estado firmemente convencido de que não atingiria os seus trinta e quatro anos<sup>162</sup>, ou seja Maio de 1847, e por essa mesma razão estabeleceu 1846 como o seu horizonte, para aí publicar aquela que pretendia ser a sua última obra, o *Post-scriptum*; talvez também a sua vida lhe parecesse «cortada», «fragmentada» (tendo em vista a etimologia da palavra que deriva do latim *fragmentum*, de *frangere* que significa cortar em pedaços), e assim, nos limites de uma curta vida, Kierkegaard concebeu a filosofia para entender a (sua) existência.

Diz ainda Camelia Elias que «[o] fragmento repetitivo é o sonho de um pensamento de acção»<sup>163</sup>. De facto *Prefácios* foi composto num gesto de intervenção pública e, apesar de ser uma obra calculada e construída, demonstra igualmente uma decisão de redundância e de repetição, acrescentando ainda oito prefácios ao prefácio, somando assim nove prefácios na obra, o que é inesperado e coloca o leitor numa posição de confusão. Kierkegaard inicia o prefácio da sua primeira obra, *Dos papéis de alguém ainda em Vida*, com uma frase que reencontramos no post-scriptum dos *Prefácios*: «Prefácios não quebram controvérsias.»; esta técnica musical da repetição encadeia-se na obra de Kierkegaard, e concede um sentido e um objectivo às suas perspectivas esparsas, completando, de livro para livro, ou de prefácio em prefácio, as suas ideias. Poderíamos considerar a obra *Prefácios* como um *quod libet* musical, uma peça de música que combina várias melodias, em geral canções populares, em contraponto, frequentemente de

---

<sup>161</sup> Camelia Elias, «The Fragment: Ten Thesis on the fragment», in *Respiro - Fast Forward Culture*, Nº. 10, Aalborg University, 2003.

<sup>162</sup> Hohlenberg, Johannes, *Søren Kierkegaard*. København: Aschehoug Dansk Forlag, 1963, p. 99.

<sup>163</sup> Vd. nota 142.

forma humorística. Esta forma musical estava em voga no século dezanove, e combinava várias imitações musicais, o que era fonte de paródia e divertimento.

Concluindo: A obra propõe, em vez de um sistema de filosofia, uma colecção de prefácios. A estrutura fragmentária tem o propósito de desestabilizar o sistema dos géneros, de ser uma expressão do pensar livre, de uma escrita inovadora que condensa e repete os textos para apontar na direcção da acção.

## 2. Hegel e o sistema especulativo

A presença de Hegel<sup>164</sup> nesta obra é incontornável, e o próprio nome de Hegel é referido várias vezes directamente, o que obriga a uma pesquisa das suas ideias principais e a uma análise da posição de Notabene perante elas<sup>165</sup>. A relação de Kierkegaard com a filosofia de Hegel foi muito condicionada pela perspectiva dos hegelianos dinamarqueses seus contemporâneos, e há que distinguir entre a relação directa de Kierkegaard com os textos de Hegel, e a sua relação indirecta, através dos textos dos responsáveis pela recepção de Hegel na Dinamarca. Hegel morreu em 1831, tinha Kierkegaard dezoito anos e foi, de certo modo, objecto e interlocutor na obra de Kierkegaard, sobretudo até 1846<sup>166</sup>.

Kierkegaard tinha-se divertido com o facto de o prefácio para *A Fenomenologia do Espírito*<sup>167</sup> de Hegel ser mais popular que o próprio livro, e esta circunstância terá sido uma das fontes de inspiração para Notabene criar, num paralelo humorístico, uma obra só com prefácios. Lemos no prefácio à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, algo que lembra a crítica de Notabene no prefácio III:

Se se perguntasse por uma via régia para a ciência, não poderia ser indicada nenhuma mais cómoda do que a de se confiar ao bom senso e, para avançar também, de resto, com a época e a filosofia, a de ler as recensões de escritos filosóficos e mesmo os seus prefácios e os seus primeiros parágrafos [...].<sup>168</sup>

---

<sup>164</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).

<sup>165</sup> Vd. Jon Stewart, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, em particular pp. 419-447. Stewart comprovou que *Prefácios* é um ataque aos hegelianos dinamarqueses e não ao próprio Hegel.

<sup>166</sup> No início, Kierkegaard concordou com Hegel, como se pode ler em *Nos Papéis de alguém ainda em vida*, mas já aí distingue entre Hegel e hegelianos, tratando o caso com ironia: «...toda a nova literatura está tão inteiramente ocupada, por um lado em introduzir e escrever introduções, tendo esquecido que o começo do nada, de que Hegel fala, foi por ele dominado no sistema sem ser de modo algum um desconhecimento da grande riqueza, que possui a realidade \*); por outro lado está tão eminentemente assombrada por estes casos históricos de espiritualidade.» Nota de Kierkegaard\*): «Entretanto não se devem levar os hegelianos totalmente à letra, quando mencionam a sua relação com a realidade; pois, quando invocam a este respeito a obra imortal do seu mestre (a sua lógica), parece-me que o assunto se processa como numa hierarquia, onde, começando com o secretário (*Seyn*, o puro Ser), através então de outros «secretários» (*das Andre, das Besondere, Nichts* [é também por isso que se diz que os outros secretários *sind so viel wie Nichts*]) se deixa inferir a atribuição «secretários existentes, etc.», sem estar por isso autorizado a concluir, que há na realidade um único “secretário existente”».

<sup>167</sup> Hegel publicou *Die Phänomenologie des Geistes* em 1807.

<sup>168</sup> *Prefácios de Hegel*, tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira, Lisboa, Imprensa Nacional, 1990, p. 70.



Neste mesmo prefácio, Hegel considera «supérfluo» e «inadequado» iniciar uma obra filosófica com um prefácio, porque a filosofia se refere ao universal e não ao particular, além de que a totalidade só poder ser apresentada de forma sucessiva<sup>169</sup>. Os hegelianos dinamarqueses tentaram erradicar a subjectividade do discurso filosófico, e Notabene escreve, logo no início da obra, que o prefácio recebeu o seu «golpe de misericórdia com a ciência moderna». Notabene tem porém o propósito oposto: o de colocar em evidência um texto subjectivo, praticamente insignificante na literatura.

Como salienta Manuel José Carmo Ferreira<sup>170</sup>, Hegel escreveu os prefácios às suas obras filosóficas com muitíssimo talento, com o intuito de guiar o leitor na leitura do assunto, explicando o que se propunha tratar, seguindo uma perspectiva histórica e contemporânea. São exactamente também estes os intuitos de Notabene: dirigir o leitor, ceder ao seu desejo de escrever, ainda que apenas prefácios, e lançar um olhar polémico sobre o seu tempo. O prefácio para *A Fenomenologia do espírito* apresenta uma justificação para a obra, apontando para a necessidade da filosofia, sempre exposta a abusos filosóficos, oferecendo uma crítica sobre a situação do seu tempo, e estabelecendo as condições da atitude científica. Notabene subscreve pois a ideia de o prefácio ser uma entidade autónoma com os seus próprios direitos, concorda com Hegel sobre a natureza e a função do prefácio, nomeadamente quanto ao facto de não poder fazer parte do todo sistemático e orgânico do livro, e diz: «[...] ao começar-se o livro pelo assunto e o sistema pelo nada, está desta maneira a ponderar-se que não resta coisa alguma para dizer num

---

<sup>169</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 37-38 «Uma explicação como aquela que num prefácio se antepõe habitualmente a uma obra – sobre o fim que o autor nela se propõe, bem como sobre os motivos e a relação em que crê estar a obra com outros tratamentos, anteriores ou contemporâneos, do mesmo objecto – parece ser de um escrito filosófico, não apenas superflua, mas até, devido à natureza da Coisa, inadequada e contrária ao objectivo. De facto, o que e como seria conveniente dizer da filosofia num prefácio [...] não pode valer como o género e o modo em que se deva apresentar a verdade filosófica. – Além disso, porque a filosofia existe essencialmente no elemento da universalidade, que inclui em si o particular, tem lugar nela, mais do que nas outras ciências, a ilusão de como se a própria Coisa, e até mesmo na sua essência perfeita, se exprimissem no fim ou nos últimos resultados, em relação aos quais o desenvolvimento seria propriamente o não essencial.»

<sup>170</sup> Vd. acima nota 168.

prólogo»<sup>171</sup>, mas, ao fazê-lo, acaba por patentear uma atitude muito irónica, sublinhando a falta de assunto e de desenvolvimento a encontrar num prefácio. Apesar da concordância com Hegel acima referida, não deixa de estar implícita uma crítica à filosofia sistemática. O objecto da fenomenologia é «o saber em devir» ou «o espírito que aparece», e o tema da fenomenologia é a experiência da consciência. A composição de *Prefácios* é, de certo modo, um exercício de consciência para Notabene, da sua posição deontológica no mundo. A experiência de contínua alteração da consciência é um movimento visto por Hegel como um percurso, que afirma ser a fenomenologia «a viagem das minhas descobertas», encarando as «[...] figuras do espírito como estações do caminho em si, pelo qual ele se converte em puro saber ou em espírito absoluto.»<sup>172</sup> Notabene usa igualmente a metáfora da viagem no prefácio VII, dizendo que «[...] apenas realizou uma viagem interior para dentro da sua própria consciência, e que por isso não chega a lado algum[...]»<sup>173</sup>.

Um prefácio é um começo, e o interesse de Hegel centrava-se no começo do saber, estabelecendo ele um método e um sistema ligado à noção de história, com a perspectiva da totalidade. Considera porém que os obstáculos à filosofia são a impaciência e a precipitação. Ora isto recorda-nos as repetidas invectivas de Notabene sobre a pressa e a confusão que dominam a sua época, e que determinam uma leitura superficial ou nula e um demasiado rápido julgamento de uma obra literária<sup>174</sup>. Segundo Hegel, todo o começo parte de uma ruptura e de uma crise de perda de unidade. Notabene declara, no prefácio introdutório, que «[o] método científico mais moderno chamou-me a atenção para o facto de ter de haver uma cisão. O meu mérito consiste em levar a cisão a sério [...]»<sup>175</sup>. Hegel enuncia uma tríplice recusa: a de um começo hipotético, a de um pressuposto, e a de

---

<sup>171</sup> SKS 4, 468 / *Prefaces*, 4.

<sup>172</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 31.

<sup>173</sup> SKS 4, 505 / *Prefaces*, 44.

<sup>174</sup> Vd. SKS 4, 505 / *Prefaces*, 44: «No que diz respeito aos nossos sistematizadores e filósofos optimistas, certamente que depressa se poderão certificar de que nada aqui há para fazerem; depressa digo eu, sim, tão depressa o penso como o digo; para eles tudo segue em um “zás, pás, trás” [...]».

<sup>175</sup> Vd. SKS 4, 468 / *Prefaces*, 4.

inviabilizar o sistema científico, fazendo-o depender de um princípio absoluto. Define três planos: o do começo subjectivo, o do começo histórico e o do começo absoluto ou do pensamento formalizado. Tem três conceitos fundamentais: o ser, a essência e o conceito. De facto, encontramos em Hegel sempre uma composição interna de objectivo triplo. Notabene retoma esta estrutura tripartida no Prefácio VIII, apresentando o texto dividido em três partes ou §§ (para imitar o estilo de Hegel), que tratam a dificuldade, o intento e a expectativa para uma revista filosófica. Com Hegel, a verdade descobre-se como sistema, e o absoluto descobre-se como espírito. Notabene alude constantemente ao sistema e até promete «o» sistema<sup>176</sup>; refere ainda que o sistema deveria ter alguma vantagem, tal como a de clarificar e estabelecer distinções, num eco ao mote de *O Conceito de Angústia*<sup>177</sup>.

Em relação ao começo subjectivo, Hegel declara que a filosofia nasce do afastamento entre a realidade vivida e a reflexão, ou seja da oposição entre o viver e o pensar. Com o relevar dos opostos, Hegel iguala o ser com o pensar, o que, segundo Kierkegaard, estabelece um equívoco, porque implica justapor dois campos completamente diferentes – o plano do pensamento e mera possibilidade, e o plano da existência e da realidade efectiva. Segundo Hegel, para se ser credível, há que começar com algo sem pressuposições, com algo de existente que necessariamente não pode ter algum conteúdo, um começo com o puro ser, que não pode ser algo, e assim o ser passa a ser o nada; ao pensar o conceito de ser, pensa-se também no conceito de nada, pelo que os dois conceitos são idênticos e estão condicionados entre si. Notabene joga com esta noção de «nada» ao longo de *Prefácios*. Em Hegel, o devir é o desaparecer do ser no nada e o desaparecer do nada no ser. A existência torna-se possível pelo facto de a negação ser uma parte integrante do conceito de ser. Há um devir do puro ser para o ser determinado que é a existência, uma

---

<sup>176</sup> Vd. acima nota 148.

<sup>177</sup> Vd. *SKS* 4, 501/*Prefaces*, 39-40: «Aliás, quando o sistema fosse lido, a leitura deveria então servir porventura para estabelecer uma diferença entre quem é tido como capaz de o entender e quem é tido como incapaz de o entender.»

transição do nada para o algo. A realidade e a negação também estão mutuamente condicionadas. Todo este pensamento abstracto e dogmático é contraposto pela ética existencial que as obras de 1844 reflectem, porque a categoria da realidade pertence à esfera da existência concreta e não à modalidade abstracta do pensar.

Hegel reconhece a estrutura antitética da consciência, mas, com o pensamento especulativo, alcança «um modo de pensar não excludente, uma síntese não redutora dos contrários na sua diferença, uma unidade diferenciante»<sup>178</sup>; para ele, a filosofia deverá ser um trabalho de reconciliação de opostos aparentemente independentes. Todo o projecto de Notabene – o de escrever prefácios – é um trabalho de reconciliação para harmonizar o seu casamento com o desejo de ser autor, e traz desta forma a mediação até ao plano da existência, de forma muitíssimo irónica. Além disso, *Prefácios* refere vários pares de opostos<sup>179</sup>, manobrados finamente por Notabene, numa dialéctica de referências à teoria hegeliana. Hegel pretende elevar o particular ao universal, abolindo o imediato para atingir o ideal da verdade, enquanto que Kierkegaard considera que o imediato é a realidade<sup>180</sup>.

Um dos motivos mais profundos para o confronto de Kierkegaard/Notabene com Hegel e uma das motivações internas de *Prefácios* assenta no facto de o conceito, em Hegel, obter-se através de uma operação de renúncia à singularidade, elevando, pela abstracção, a subjectividade até ao universal, para que o indivíduo, liberto e rendido à ciência, se identifique com o Si mesmo absoluto, identificando-se assim o ser com o conceito, pela mediação. Hegel escreve que «[a] ciência é o meu pensar liberto de mim» e «saber o verdadeiro implica desembaraçar-se da sua subjectividade»<sup>181</sup>. À negação hegeliana da subjectividade particular contrapõe Notabene a extrema importância do

---

<sup>178</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 15.

<sup>179</sup> Alguns exemplos: o trivial e o incomensurável, o todo e o nada, o visível e o invisível, o universal e o particular, a possibilidade e a necessidade, a sabedoria e a estupidez.

<sup>180</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 22, citando Hegel: «A proposição que o finito é ideal constitui o idealismo. O idealismo da filosofia consiste unicamente em não reconhecer o finito como um verdadeiro ser».

<sup>181</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 16.

sujeito individual, mas ironiza: «...desejo pelo contrário a minha destruição, porque sei que ela é a condição para “que eu me possa elevar até uma existência mais perfeita.”»<sup>182</sup>

Em paralelo com a Revolução Francesa, Hegel propõe uma filosofia de «revolução do espírito», que supere metodologicamente as contradições, estabelecendo um sistema que representa a progressão da consciência humana. A atitude satiricamente subversiva de Notabene não é certamente a de superar as contradições, antes a de as destacar, mas traz consigo uma «revolução do espírito» diferente, a do indivíduo que defende a liberdade e o direito da singularidade. Notabene, em paralelo com Hegel, adota em *Prefácios* uma visão historicista onde «a época», «os tempos», «a história mundial» apontam para uma visão incidente na histórica contemporânea. Enquanto que a filosofia de Hegel defende o institucionalismo, com a inclusão e a participação do sujeito na sociedade, Notabene satiriza a aniquilação do indivíduo forçado a integrar uma associação.

As conclusões de *A Fenomenologia do Espírito* são o ponto de partida para a segunda parte do sistema: *A Ciência da Lógica*. Com esta segunda obra, Hegel passa do conceito de ser ao de ideia absoluta e confronta-se com a lógica tradicional e com os seus princípios. Enquanto que a lógica tradicional afirma que o ser é idêntico a si mesmo e exclui o seu oposto, com o princípio da identidade e da contradição, a lógica hegeliana sustenta que «[a] contradição é a regra do verdadeiro, a não-contradição a do falso»<sup>183</sup>, encarando a consciência essencialmente como mudança, devir, passagem de um elemento ao seu oposto. O tema de *A Ciência da lógica* é o absoluto ou «a verdade que se sabe a si e que é toda a verdade»<sup>184</sup>, e a lógica passa a ser a apresentação de Deus como ele é, na sua essência eterna. Em Hegel, o conceito é o puro movimento racional e o método dialéctico é o movimento imanente do conceito, porque é da negatividade, enquanto operação formal

---

<sup>182</sup> SKS 4, /*Prefaces* 61.

<sup>183</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 98.

<sup>184</sup> Vd. Carmo Ferreira, p. 100.

do conceito, que decorre a dinâmica entre imediaticidade e mediação. Notabene também brinca com este conceito hegeliano de movimento no Prefácio VI<sup>185</sup> e acrescenta, logo no início, um comentário mordaz sobre o «movimento fingido»<sup>186</sup>, porque, segundo ele, a mediação entre os opostos é um pseudomovimento, já que nada acontece realmente, sendo o movimento algo que é do domínio da existência e não do domínio do abstracto. A palavra mediação é muitíssimo visada por Notabene, ocorrendo quinze vezes no prefácio VII, e é tratada de forma muitíssimo sarcástica: «Infeliz! Não entendeste a mediação<sup>187</sup>, o seu significado para a ciência – e para as cabeças triviais!»<sup>188</sup> O conceito de repetição apresentado na obra do mesmo nome é a resposta de Kierkegaard à mediação, pela boca do seu pseudónimo Constantin Constantius, alegando que a repetição é um verdadeiro movimento, do plano da transcendência, enquanto que a mediação é um movimento fictício por ser do plano da imanência e da lógica, onde não pode haver moção, estando esta esfera ligada ao conceito de necessidade, ao invés da esfera da existência que se liga à liberdade e à acção, pelo que «a repetição é a realidade, é a seriedade da existência»<sup>189</sup>.

A lógica objectiva trata do ser e da essência, e a lógica do conceito trata da ideia absoluta, do conceito que supera o ser e a essência. Hegel insiste em identificar a lógica com a metafísica, e sublinha que a religião e a filosofia têm conteúdo idêntico, que é o absoluto como representação e como verdade; procura também instaurar a filosofia como ciência, e aliar a filosofia à teologia. Notabene não concorda com Hegel no que respeita a subordinar a fé ao saber, expondo ao pormenor as suas especulações sobre o assunto: «[...] então a filosofia não é o altíssimo, mas apenas, até mesmo no seu altíssimo aspecto,

---

<sup>185</sup> Vd. *SKS 4*, 495/*Prefaces*, 33: «A pessoa culta sabe que tudo está em movimento, mas não é por isso que cobardemente recua. Com audácia lança-se no movimento. Cada perspectiva tem o seu significado, mesmo se for ultrapassada por uma nova. Daqui advém esta inaudita magnanimidade que nunca conheceu igual em qualquer época passada.»

<sup>186</sup> Vd. *SKS 4*, 469/*Prefaces*, 5: «O prefácio enquanto tal, o prefácio emancipado, não tem pois de tratar de nenhum assunto, antes tem de tratar de nada, e ainda que pareça abordar algo ou tratar de algo, terá isso de ser apenas uma aparência e um movimento fingido.»

<sup>187</sup> Ao conceito hegeliano de «Vermittlung», J. L. Heiberg fez corresponder «Mediation».

<sup>188</sup> *SKS 4*, 497/*Prefaces*, 35.

<sup>189</sup> *SKS 4*, 11.

justamente o último tipo de conhecimento, um saber sobre o altíssimo?»<sup>190</sup>, e prossegue ridicularizando os teólogos-filósofos<sup>191</sup>. Para Hegel, a verdadeira infinitude é fusão de finitude e infinitude, pelo que ele entende a finitude à luz da infinitude, ou seja, tudo é para ser entendido em relação ao universal. Kierkegaard estabelece a tensão entre o temporal e o eterno, mas procura a intersecção entre ambos, no instante, no átomo da eternidade.

Muito claramente podemos ler que Notabene refere Hegel como um mestre, mas, com igual clareza, se lê também que não entendeu a explicação de Hegel: «Lê-se tudo isto em alemão, e quando se lê isto em Hegel, lê-se de modo a aprender qualquer coisa com isso e regressa-se frequentes vezes ao mestre com deferência»<sup>192</sup>. Diz ainda:

A vida é curta, mas não me tornem a arte demasiado longa, acima de tudo mais longa do que a vida. Se houvesse de custar uma vida inteira para compreender Hegel, esta filosofia cairia assim na mais profunda das contradições.<sup>193</sup>

Kierkegaard serviu-se da análise dialéctica e do vocabulário técnico de Hegel, como o de um historiador de filosofia, mas recriou a partir dele a sua identidade e diferença.

Concluindo: *Prefácios* apresenta um conjunto de textos subjectivos e banais que opõem ao movimento racional a repetição de vários começos, depois não desenvolvidos, levando a sério a ruptura, e negando assim o projecto de unidade num sistema, num paralelo humorístico com o prefácio da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

---

<sup>190</sup> SKS 4, 522/ *Prefaces*, 62.

<sup>191</sup> Vd. SKS 4, 511 / *Prefaces*, 50: «Vede, a filosofia é tão boa nestes últimos tempos, ...Faz de qualquer teólogo um filósofo e fá-lo de modo a permitir que ele satisfaça as exigências do tempo, as quais têm de ser filosóficas, o que por sua vez pressupõe que o tempo, que é a soma dos indivíduos, seja filosófico.

<sup>192</sup> SKS 4, 506 / *Prefaces*, 45.

<sup>193</sup> SKS 4, 516 / *Prefaces*, 56. Alusão ao aforismo do médico grego Hipócrates (460-370 a.C.). E acrescenta: «Não nego portanto que Hegel tenha explicado tudo, deixo tal coisa para os espíritos fortes que também explicam o que falta explicar. Mantenho os pés na terra e digo: não compreendi a explicação de Hegel. Também daqui não tiro qualquer outra conclusão a não ser que não o compreendi.»

### 3. A ironia socrática

Já em *O Conceito de Ironia*, Kierkegaard revela profundo conhecimento da obra de Hegel e apresenta categorias nela fundamentadas, utilizando a linguagem hegeliana para a sua perspectiva do conceito de ironia. Aí afirma: «Agora pelos vistos Hegel fornece uma mudança na concepção que se tem de Sócrates. Vou por isso começar com Hegel e em Hegel vou acabar.»<sup>194</sup> Na primeira parte da tese, Kierkegaard segue o método hegeliano: a possibilidade, a realidade e a necessidade. Kierkegaard declara Sócrates o introdutor da ironia e concorda que a ironia é característica do princípio de subjectividade<sup>195</sup>.

A argumentação da sua tese apresenta-se do seguinte modo: perante o perigo da ironia romântica<sup>196</sup> – que é um contínuo alternar entre autocriação e autodestruição, e também reflexão poética, assentando numa disposição estética e filosófica que parte do pressuposto da actividade criadora do eu absoluto<sup>197</sup> – há que procurar outro caminho; Hegel, apesar de ser um aliado<sup>198</sup> contra os românticos – acusando-os também de falta de clareza dialéctica, de jogar com a vaidade subjectiva, e de fugir ao contacto com a realidade –, representa um novo perigo que é o da falsa especulação, pelo que a solução passa por um regresso a Sócrates, i. e. a uma ironia vista como infinita absoluta negatividade. Kierkegaard sugere que a ironia pode ser um elemento controlado no desvio reflexivo que limita e disciplina o indivíduo, colocando-o numa perspectiva já quase liberta da finitude e oferecendo-lhe em simultâneo uma verdade e uma realidade existencial própria; este tipo

---

<sup>194</sup> SKS 1, 264/ CI, 220.

<sup>195</sup> «Mas a ironia é a determinação da subjectividade, por isso também deve mostrar-se, pela primeira vez que a subjectividade ocorre na história mundial. A ironia é precisamente a primeira e a mais abstracta determinação da subjectividade» Vd. SKS 1, 302/ CI, 264.

<sup>196</sup> A ironia, tal como o fragmento, reporta-nos ao Romantismo.

<sup>197</sup> O «viver de forma poética», do qual A é um exemplo em *Ou-Ou*, é um paralelo em Kierkegaard em relação àquilo que em Hegel é o «dispor a vida de forma artística» de Hegel, onde este aponta para a vida do sujeito irónico como a de um indivíduo com falta de carácter.

<sup>198</sup> Hegel considera que a ironia romântica é uma construção e um jogo, e que o romantismo a celebra como objectivo. De acordo com Hegel, a ironia romântica «terá sido inventada pelo Sr. Friedrich von Schlegel e muitos a terão papagueado ou continuam a papagueá-la de novo». Vd. Hegel, G.W.F.: *Vorlesungen über die Ästhetik*. Frankfurt: Suhrkamp 1986, vol. 3, p. 95.



de ironia é um guia para o homem e torna-se o caminho para a verdade. «O que a dúvida é para a ciência, a ironia é para a vida pessoal»<sup>199</sup>.

Tal como em *O Conceito de Ironia*, a obra *Prefácios* também continua a ter Sócrates como uma sua constante, e de vários modos: através de referências directas, por referência indirecta através da verdade da sua existência, através da ironia, e através da ignorância de Notabene que o leva à prática maiêutica no discurso. A ironia socrática é a presença de um modo de pensar, porque trata da ironia enquanto modo de existência<sup>200</sup>. O método socrático apresenta dois momentos fundamentais: primeiro a ironia<sup>201</sup>, que denuncia as verdades feitas e o falso saber; depois a maiêutica<sup>202</sup> que permite a concepção de ideias próprias e educa a pensar. A maiêutica permite derrubar a parede entre o mestre e o discípulo, tema que é tratado nas *Migalhas Filosóficas*. Em *Memoráveis Socráticas*, Hamann, disse sobre Sócrates que «[a] analogia era a alma dos seus raciocínios e, para lhes servir de corpo, dava-lhes a ironia»<sup>203</sup>. No prefácio inicial, também Notabene descreve o conflito com a eficácia da ironia, e recorre a analogias para convencer a mulher, e para encontrar uma solução para o seu desejo de escrever. Notabene serve-se igualmente da ironia como instrumento para atacar Heiberg nos quatro primeiros prefácios, mas usa a analogia como estrutura criativa, nos últimos dois prefácios. Kierkegaard situa as raízes do cómico na contradição inerente à natureza humana, e estabelece também uma distinção entre ironia e humor. Enquanto que a ironia é da ordem do estético, reconhecendo as incongruências da experiência humana, mas nada mais podendo fazer além de desvendar essas falhas, o humor, já da ordem do ético, é capaz de receber a finitude como uma dádiva, transcendendo o sofrimento humano com o auxílio do chiste, que opera na base da

---

<sup>199</sup> SKS 1, 355.

<sup>200</sup> Afirma Jens Himmelstrup, que há em Kierkegaard três motivos que perpassam toda a sua obra: a concepção religiosa cristã, o rompimento do noivado com Regina Olsen e Sócrates. Vd. Jens Himmelstrup: *Søren Kierkegaards opfattelse af Sokrates*, [A Percepção de Sócrates por Søren Kierkegaard], Copenhaga: Arnold Busck, 1924, p. 9.

<sup>201</sup> Ironia vem do grego do grego *eironeia*, que significa dissimulação.

<sup>202</sup> Maiêutica vem do grego *maieutiké*, que significa trazer à luz.

<sup>203</sup> Vd. *Memoráveis Socráticas*, p. 16.

desproporção, e por via dessa unidade de seriedade e piada, o humor é, na existência interior, o último estágio antes da fé. Daqui resulta que «a ironia está no confino entre o estético e o ético e o humor entre o ético e o religioso.»<sup>204</sup> Kierkegaard diz que a ironia é uma paixão, tal como para ele é a fé, que é «a» paixão kierkegaardiana. Em *Prefácios*, a desproporção é estabelecida de vários modos, por exemplo, quando a mulher de Notabene conclui «que ser autor quando se é homem casado é a pior forma de infidelidade», depois de comparar um marido que escreve a um «marido que frequenta o clube todas as noites», usando o papel do manuscrito para papérolas de cabelo, e resolvendo os argumentos com um determinante «Estás só a brincar!» que põe fim à conversa. Por detrás deste chiste encontramos o sofrimento de Notabene que não pode escrever – e o de Kierkegaard que não pode casar. O humor está ligado à astúcia, ao incógnito, ao sério-alegre, e mantém o religioso em suspenso. O humor reflecte sobre si próprio e pertence por isso à esfera da resignação infinita, pelo facto de o indivíduo ser incomensurável com a realidade. Por isso mesmo se pode dizer que ao interpretar o cómico se procura compreender o humano. O humor inclui um cepticismo muito mais profundo que a ironia, relacionado com a ignorância segundo o princípio: «*Credo quia absurdum*, implicando simultaneamente uma positividade muito mais profunda»<sup>205</sup>. Há a distinguir a ironia enquanto fenómeno filosófico, ou seja como atitude ou determinação existencial, e a ironia enquanto fenómeno literário ou seja como posição de autor ou leitor<sup>206</sup>; isto pode exemplificar-se com a famosa ideia de Kierkegaard de que a vida se vive para a frente, mas se entende para trás»<sup>207</sup>, pelo que poderíamos acrescentar que os textos se escrevem para a frente, mas a obra (a autoria) se entende para trás. Sem dúvida que a ironia e o humor se desenvolvem como uma

---

<sup>204</sup> SKS 7, 455.

<sup>205</sup> SKS 1, 357.

<sup>206</sup> Sørensen, Ivan Ž., «Om begrebet humor – med stadigt hensyn til Kierkegaard» [Sobre o conceito de humor – com constante referência a Kierkegaard], *Dansk Noter*, nº 2/2003. Frederiksberg: Dansk Lærerforening, 2003, pp. 47-53.

<sup>207</sup> Vd. SKS 18, JJ 167, 1843.

estratégia para a abertura do texto, i.e. um fenómeno literário «para a frente». A ironia e o humor estão ligados a uma procura incessante e encontram-se em oposição com o saber dogmático.

Um dos aspectos importantes da ironia socrática que reencontramos nos *Prefácios* de Notabene é a afirmação da ignorância como ponto de partida para uma relação com a filosofia. Nos prefácios I e III apresenta-se o livro como presente de Ano Novo para um público ignorante e enfatuado, e no Prefácio II é sarcasticamente sugerida a não escrita do livro, dado que a crítica é superior ao valor da escrita, instituindo a ignorância de «o mui honrado público». O prefácio IV alude também à ignorância de Notabene que deixou de entender o Professor Heiberg<sup>208</sup>, e o mesmo sucede no prefácio V, onde o significado da associação é destacado contra o esforço individual que é insignificante – uma forma de insipiência. No prefácio VI, a reedição anual dos sermões de Mynster é vista pelas famílias incultas como a de um livro «novo», e é exposta a séria ignorância da pessoa culta que se considera automaticamente «cristã». O prefácio VII contém muitas referências à ignorância, desde a alusão daquele que se apresenta como médico sem nada saber, ao plágio dos autores que nada de novo dizem, ao rumor ignorante, ao ignorar cumprir promessas; mesmo o propósito de tentar compreender-se a si mesmo, e não a todos os seres humanos, pressupõe o desconhecimento. O plano para um jornal filosófico exposto no prefácio VIII parte da confissão de que o autor «não entendeu a explicação de Hegel» e de assumir abertamente a sua «estupidez», contrapondo-a à sagacidade das pessoas cultivadas que entendem Hegel, ou até «foram além de Hegel» – aqui a ironia não se dirige contra o próprio Hegel, mas contra aqueles que «no meu próprio país foram além de Hegel», ou seja, contra «pessoas de certas classes», conforme o subtítulo da obra. A ignorância socrática de Notabene estabelece-se como um importante subtexto na obra, contrapondo-se

---

<sup>208</sup> SKS 4, 487/*Prefaces*, 24.

à sabedoria da filosofia em vigor na época, e colocando em causa, de forma irónica, o sistema hegeliano conforme defendido na Dinamarca.

Notabene dedica-se à sátira, para criticar, entreter e educar. Pretende castigar os costumes pelo riso, ora rebaixando ora elevando Heiberg ou as associações literárias, sociais e religiosas. Serve-se da paródia, do burlesco, do exagero, da comparação, combinando de modo cáustico o humor a uma ira oculta. À medida que a matriz é reprimida, vão surgindo no texto variantes tal como sintomas no corpo, e, deste modo, o texto quase funciona como uma neurose, onde a par da ironia manifesta contra Heiberg desponta a analogia recôndita com Sócrates e com os valores que ele representa.

Poderíamos dizer que Notabene retorna à sátira antiga, se encararmos esta obra como uma sátira menipeia<sup>209</sup>, com a característica da apropriação paródica dos mais diversos géneros literários, de uma heterogeneidade estilística, porque, em *Prefácios*, nos deparamos com uma mistura de sério e de cómico, com uma liberdade formal, com um rápido alternar de perspectivas e de assuntos na narrativa, e com uma humanização da problemática, que confere à obra um carácter universalizante.

Concluindo: Não são alvos de Notabene nesta sátira apenas Heiberg, Copenhaga, e o século dezanove, mas as contradições e as falhas dos homens em geral e o sentido da existência humana, o que salienta a actualidade desta obra, na pressa dos nossos tempos actuais e na globalização do nosso mundo, onde ainda mais o tempo foi acelerado e o espaço alargado, dificultando assim ocasiões para um instante de recolhimento ou para um espaço interior.

---

<sup>209</sup> De acordo com o cínico grego Menippos de Gadara, do século III a.C., do qual não restam textos. É um tipo de discurso misto, descontinuado, com várias fontes distintas, que visa numa figura grotesca os males sociais de uma época que são males do espírito.

## **CAPÍTULO III**

**A dádiva ao leitor**

**ou**

***Prefácios como relação dialógica***

# 1. A comunicação com o indivíduo singular

É notável a quantidade e a qualidade dos prefácios que Kierkegaard produz durante a sua vida, numa oferta ao leitor, para introduzir livros assinados ou editados pelos seus pseudónimos, numa despersonalização que sublinha mais a dádiva filosófica do que a importância autoral. Se considerarmos *Prefácios* como uma dádiva ao público ou ao «meu leitor», a obra assume-se como uma alternativa ao «presente de Ano Novo» de Heiberg. O que Notabene realmente pretende é que os *Prefácios* levem os leitores à acção, para que encontrem uma verdade subjectiva, no interior de si mesmos. De facto, Kierkegaard/Notabene é esse excêntrico, esse indivíduo singular, que sofre com um público frívolo, e há uma seriedade a percorrer toda a obra, como um subtexto, numa antítese ao tom irónico que se observa à primeira vista. A singularidade almejada está sempre em jogo com uma alteridade, o que coloca Kierkegaard como «um espírito ao serviço dos outros»<sup>210</sup>.

*Prefácios* distingue entre o «público leitor», apelidado de «mui estimável público», e «o meu leitor». Esta distinção é capital para entender a mudança de tom que ocorre na obra, tal como num *Quod libet* musical, onde é notória a variação dos trechos melódicos. Dado que o motivo desta obra assenta em recensões jornalísticas<sup>211</sup> escritas para o público leitor, pretendo aqui lembrar que foi Heiberg quem, curiosamente, estabeleceu esta distinção, ao dedicar a crítica da obra *Ou-Ou*<sup>212</sup> ao público literário, referindo, ao invés, que poucos leitores conseguiriam ler e entender a obra, pelo que apenas ficaria talvez um indivíduo singular para partilhar a sua opinião com o público<sup>213</sup>. O termo «indivíduo singular» será retomado por Kierkegaard, e os seus *Discursos Edificantes* serão

---

<sup>210</sup> SKS 4, 484/*Prefaces*, 20.

<sup>211</sup> As recensões de Heiberg às obras *Ou-Ou* e a *Repetição* de Kierkegaard.

<sup>212</sup> Vd. acima nota 7.

<sup>213</sup> Vd. Jon Stewart, «Johan Ludwig Heiberg: Kierkegaard's criticism of Hegel's Danish apologist», in *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources. Kierkegaard and his Danish Contemporaries*, vol. 7, Tome I. Aldershot: Ashgate, 2009, p. 180.

inversamente dedicados, não ao público *en masse*, mas «a esse indivíduo singular», ao «meu leitor». A relação dialógica que Notabene procura estabelecer expressa-se directamente no final do Prefácio IV, que se aproxima muitíssimo da formulação dos prefácios de os *Discursos Edificantes*<sup>214</sup> pela sua atitude de entrega confiante:

Meu caro leitor, se eu não tivesse o hábito de escrever um prefácio para todos os meus livros, poderia também ter passado sem escrever este, pois nada tem com efeito a ver com este livro, que, com ou sem prefácio, visto que é ambas as coisas, a ti se confia plenamente.<sup>215</sup>

*Prefácios* oscila assim entre um desafio ao leitor-público e um apelo ao leitor-singular. Um prefácio pode querer controlar o leitor, invectivá-lo. Notabene desarma o leitor com sucessivos prefácios, e acentua o incómodo com a repetição destes textos fragmentários. Inspirado por Sócrates, Notabene é brilhante na *dialektike techne*, ou seja, na arte grega de comunicar, escrevendo ao mesmo tempo numa linguagem que não é académica e é dirigida ao homem singular, e numa linguagem teórica aparentada com a dos círculos hegelianos. Note-se que também Hamann patenteia a mesma atitude negativa perante o «Mui estimável público», que considera um Proteu<sup>216</sup>. Notabene adopta pois uma posição ambivalente de insatisfação com o mundo e de não afastamento em relação a ele, numa posição de desafio mas também de apelo, que é uma das questões mais importantes da filosofia kierkegaardiana.

Uma relação especial com prefácios ocorre logo na primeira obra de Kierkegaard, *Dos Papeis de alguém ainda em Vida*, que se inicia com o ditado «Prefácios não quebram

---

<sup>214</sup> Vd., por exemplo, no prefácio dos *Três Discursos Edificantes* de 1843, SKS 5, 63, onde Kierkegaard apresenta o livro dizendo: «De tamanho pequeno, como é, certamente poderá passar, já que só cuida de si mesmo e prossegue e trata dos seus assuntos e conhece o seu caminho indecifrável – até encontrar esse singular, a quem chamo com alegria e gratidão o *meu* leitor – até encontrar o que procura, aquele homem de boa vontade, que lê em voz alta para si mesmo o que eu escrevo em silêncio [...]».

<sup>215</sup> SKS 4, 488 / *Prefaces*, 26.

<sup>216</sup> Vd. nota 2, p. 8 in *Memoráveis Socráticas*.

qualquer polémica»<sup>217</sup>, que por sua vez vai finalizar a obra *Prefácios*. Porém, naquela primeira obra de Kierkegaard, imediatamente a seguir ao prefácio, vem um posfácio onde é alvitado que o leitor salte o prefácio – e até mesmo o texto – se assim o preferir:

Posfácios são para leitores que possivelmente poderiam ser afectados ao ler o prefácio: podem decerto saltá-lo e, caso saltem tanto que saltem por cima da exposição, também tanto faz.<sup>218</sup>

Esta insistência numa relação ambígua com prefácios repete-se com *O Conceito de Angústia*, onde Vigilius Haufniensis termina o seu prefácio, do seguinte modo:

Nada mais tenho a acrescentar, excepto desejar a quem compartilhe o meu ponto de vista, assim como também a quem o não compartilhe, a quem lê o livro, assim como a quem lhe basta o prefácio, uma boa vida!<sup>219</sup>

Kierkegaard, pretende concretizar o que pensa, e relaciona a existência com a interiorização da verdade, i.e. com a subjectividade do indivíduo, posicionando-se contudo perante a realidade com autenticidade e com paixão, na procura de uma solução para a existência fragmentada e contraditória do homem, que só pode ser encontrada no retorno a si mesmo. Enquanto que o sistema funciona sem a participação do indivíduo, a atenção ao indivíduo singular caracteriza a filosofia de Kierkegaard, que refere humoristicamente que o sistema tem três estádios, mas a vida tem quatro. Acima de tudo, Kierkegaard reserva uma função de contraponto aos prefácios na sua obra, de modo a encadeá-los uns nos outros, tal como, por exemplo, os de os *Discursos Edificantes* entre si, ou o prefácio do *Postscriptum* com o das *Migalhas Filosóficas*. Os prefácios das obras de Kierkegaard podem ser vistos como um todo díspar, tal como o é esta obra que nos ocupa – *Prefácios*.

---

<sup>217</sup> «Forord» significa à letra «uma palavra prévia», e é usado em sentido de «acordo» no ditado «Forord bryder al trætte» [um acordo prévio evita qualquer controvérsia], ainda com a variante «Forord byder/volder ingen trætte» [um acordo prévio não causa qualquer controvérsia]; aqui, porém, no final da obra, significa «prefácio», e a frase ler-se-á então como «um prefácio evita qualquer controvérsia».

<sup>218</sup> SKS 1, 14.

<sup>219</sup> SKS 4, 314.



Ao método dialéctico do discurso metódico, que pretende a fusão dos opostos, é contraposto por Notabene um método dialógico, onde coexistem várias perspectivas, o que força o leitor a imaginar as várias posições dos participantes, colocando-se num diálogo interno perante o texto. Este relacionamento através da linguagem tem obviamente um intuito de interacção e de transformação social. O comportamento *en masse*<sup>220</sup> leva Notabene a instituir a categoria da mais alta loucura, associando-se a Baggesen<sup>221</sup>, que faz um jogo de palavras entre loucura e unidade, e Kierkegaard, aludindo à filosofia de Hegel, conclui que «toda a criação implica multiplicidade, ou seja, *Quod libet*, quanto mais louco melhor.»<sup>222</sup>

Lembro que o último dos prefácios, o VIII, mesmo antes do Postscriptum, termina com uma citação de uma obra deste mesmo Baggesen: «Morte às muitas relações aqui na terra/ Às multiformes, às multivariegadas/ Às de dias de festa, às de todos os dias»<sup>223</sup>, apontando para uma retirada social, para uma atitude de recolhimento interior, sem que por isso haja perda de diálogo interior. A ligação com o outro, com «o meu leitor», assenta numa relação de singularidade, mas a relação com ele mesmo assenta numa interioridade cultivada.

Concluindo: Em alternativa ao presente de Ano Novo comprado pelo «mui estimado público», Notabene apresenta *Prefácios* como uma dádiva ao «meu leitor», estabelecendo uma relação dialógica, assente no respeito pela singularidade do indivíduo.

---

<sup>220</sup> SKS 4, 481 / *Prefaces*, 17: «[...] possam os naturais de Copenhaga divertir-se a brincar a este jogo, e desejo-lhes Glück zu, quanto mais maluco, melhor.»

<sup>221</sup> Jens Immanuel Baggesen (1764-1826), poeta dinamarquês. Vd. *Pap* II A 808 *n.d.*, 1839/*JP* 1581 *n.d.*, 1839: «É a mais concreta de todas as categorias, a mais completa, já que é a mais próxima da existência [...] Esta é a categoria por via da qual a transição é constituída de loucura abstracta para loucura concreta. A sua fórmula é dada por Baggesen, VII, p.195: *A unidade da loucura [Galskabs] na totalidade de toda a criação [Alskabs]*, mas expressa de forma especulativa é a unidade de toda a criação na totalidade da loucura».

<sup>222</sup> *Pap*. II A 808/*JP* 1581, *n. d.* 1839; Supplement in *Prefaces*, p. 98.

<sup>223</sup> Vd. Jens Baggesen «Min Gienganger eller den søde Kniv» [O meu fantasma e o seu chiste], de 1814, in *Jens Baggesens danske Værker*, København 1827-1832, vol. 6, 1829, p. 143.

## 2. A filosofia da interioridade

O psicólogo C.G. Jung propunha o aprofundamento interior como um processo a que chamava o «processo de individuação», ou seja, o caminho através do qual uma pessoa se vai autodescobrindo e realizando a sua verdadeira autenticidade. *Prefácios* é tanto uma viagem filosófica, onde Notabene coloca, em cada prefácio, uma ideia ou argumento contra os clichés da elite intelectual, como é uma «viagem interior»<sup>224</sup>, conforme se afirma no Prefácio VII. Certo é que escolhe a forma do prefácio como forma literária de associação livre para a reflexão subjectiva. Acontece que os *Diários* de Kierkegaard evidenciam uma heterogeneidade de discurso que muito lembra os textos de *Prefácios*. Aos apontamentos sobre os acontecimentos do dia, vêm juntar-se nos diários os projectos literários, os comentários sobre as leituras, as máximas recolhidas, os fragmentos de ideias, o labirinto de pensamentos; o modo inacabado das anotações é exemplo de uma renúncia a um pensamento sistemático, e indica um modo de pensar que se quer cristalizar em pleno processo de realização. A escrita de Kierkegaard é mais do que um acto do pensamento, é um pensamento em acto: vai-se tornando cada vez mais autoconsciente, vai-se aprofundando em si mesmo. A obra *Prefácios* apresenta-se como uma amálgama cheia de prefácios, e a sua ontologia expõe-se na forma de um não-livro, onde Notabene, enquanto pensador existencial, reflecte satiricamente sobre a confusão do mundo em que vive, fazendo valer a etimologia latina da palavra *satur* e da locução *lanx satura*.<sup>225</sup>

Em *Prefácios*, a interioridade é sitiada: Na vida privada, Notabene não deve recolher-se com os seus papéis, porque a mulher lhe diz que «[o] teu pensamento pertence-me»<sup>226</sup> e considera a actividade meditativa do marido como uma infidelidade. Na vida pública, Notabene comenta a dificuldade de recolhimento de um autor, exposto em

---

<sup>224</sup> SKS 4, 505 / *Prefaces*, 44.

<sup>225</sup> Sátira advém etimologicamente do latim *satur*, que significa «cheio»; a expressão latina *lanx satura* significa «algo cheio de várias coisas.»

<sup>226</sup> SKS 4, 473/ *Prefaces*, 9.

Copenhaga como se tivesse «de se esconder sobre um prato»<sup>227</sup>. Enquanto indivíduo singular, a interioridade é ameaçada por se encontrar em directa oposição às atitudes e ideias das massas. Perante a Igreja institucional, o singular é convidado a participar no culto da comunidade, pois é sublinhada a importância da igreja visível, o que coloca em perigo a sua relação privada e particular com Deus. Na sociedade, o esforço do indivíduo singular é reduzido a nada, se não for integrado numa associação, o que força qualquer posição interior a exteriorizar-se. Até enquanto filósofo, Notabene refere as dificuldades em que incorre o pensador com ideias diferentes, perante a força externa do «grupo dos eleitos» pela filosofia, aludindo à sujeição a uma competição filosófica que não lhe agrada.

Segundo Notabene, «o autor só pode produzir em completa solidão»<sup>228</sup>. O mundo interior onde se refugia Kierkegaard é aquele onde o autor é o leitor de si mesmo, como ele próprio afirma na sua obra *O Ponto de Vista para a minha Actividade como Autor*<sup>229</sup>, e como comprova a dedicatória *ad se ipsum* de os «Diapsalmata» da obra *Ou-Ou*. Não deve existir conflito entre vida e pensamento: o homem deve reflectir sobre a sua existência concreta. Isto coloca-o numa posição antagónica em relação a Hegel, para quem o pensar toma por objecto o conceito, afastando a filosofia da vida. Hegel colocou-se como um observador externo e quis explicar o mundo com o seu pensamento abstracto, não querendo que a sua individualidade interferisse com a sua filosofia, e assim excluiu a sua pessoa da sua obra, pelo que poderia assim ser todo o mundo ou ninguém, o que de novo nos relembra a escolha de N.N. para *Prefácios* estará relacionada com o prefácio à *Fenomenologia do Espírito*.

Notabene refugia-se na escrita e recorre a vários tipos de discurso, a várias linguagens: à de Hegel, à de Sócrates, à de Hamann, à da Bíblia, criando uma espécie de

---

<sup>227</sup>SKS 4, 479/ *Prefaces*, 15.

<sup>228</sup>SKS 4, 479/ *Prefaces*, 15.

<sup>229</sup> Esta obra, *Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed. En ligefrem Meddelelse, Rapport til Historien, af S. Kierkegaard*, [O Ponto de Vista para a minha Actividade como Autor: uma Comunicação Directa, um Relato para a História] foi escrita por Kierkegaard em 1848, mas publicada postumamente.

colagem ou cento, numa escrita composta por trechos destas outras fontes, mas dispostos de acordo com os seus intentos. Com esta linguagem inovadora e experimentante pretende mostrar a existência real, o reverso da aparência<sup>230</sup> e afasta-se do tom pomposo do discurso académico, introduzindo sempre a ironia e a ambiguidade, usando estes meios estilísticos como processos de dilatação dos horizontes da linguagem. A linguagem humorística da obra atinge quase os extremos linguísticos de Hamann, quando Notabene, no Prefácio VII, se atreve a usar a imagem da jumenta de Balaão, num comentário sobre a interioridade<sup>231</sup>, tendo em vista que tinha comentado a este respeito que «[o] humor pode por isso aproximar-se da blasfémia.»<sup>232</sup>. Filiado em Sócrates, e escrevendo devido a um «inexplicável impulso interior», Notabene usa a técnica socrática da destruição da certeza e aproxima-se do estilo da oralidade. Pretende opor-se ao discurso autoritário, apresentando uma literatura carnavalesca<sup>233</sup> que vira o mundo de pernas para o ar e põe em causa todas as ideias estabelecidas. O universo público é retratado no universo privado de Notabene, e o uso intencional da silepse no termo dinamarquês «Brud», que significa «cisão, ruptura», adquire significação simbólica, por também significar «noiva»<sup>234</sup>.

As obras de Kierkegaard, em especial as deste ano de 1844, têm entre si mais em comum do que a simples data da sua publicação, e revelam, a nível linguístico, muitas duplicações. Em todas elas é apontada à sociedade a falta de ética e usada ironia contra o

---

<sup>230</sup> A ideia de «Direito e Reverso» tinha sido escolhida por Kierkegaard para título de uma obra que não veio a ser publicada e que deveria incluir os ensaios, «In Vino Veritas» e «Algumas Reflexões sobre o Casamento em Resposta a Objecções», que vieram finalmente a integrar *Estádios no Caminho da Vida*.

<sup>231</sup> Vd. SKS 4, 502 / *Prefaces*, 41: «o sofrimento é precisamente a determinação para a interioridade, que provê cada um com o seu próprio saber, e lhe assegura poder dizer a verdade, tal como a jumenta de Balaão».

<sup>232</sup> Kierkegaard tinha-se mostrado chocado com a liberdade de expressão de Hamann e escrito no diário: «O humor pode por isso aproximar-se da blasfémia; Hamann preferia ouvir a sabedoria através da jumenta de Balaão ou de um filósofo contra a sua vontade do que de um anjo ou de um apóstolo.» Vd. SKS 17, DD: 18c / *JP*, 2, 1693.

<sup>233</sup> Vd. SKS 4, 498 / *Prefaces*, 36, onde refere o «Dyrehave Carnival» [O carnaval no parque dos veados].

<sup>234</sup> Também em «In vino Veritas» é referido o rompimento de uma promessa de casamento e usada a palavra dinamarquesa «Brud», mas a associação é estabelecida aí de forma mais explícita: «[...] porque uma noiva e um rompimento correspondem-se mutuamente como feminino e masculino [...]». Vd. SKS 6, 77 e a versão portuguesa *In Vino Veritas op. cit.*, p.153.

sistema<sup>235</sup>. Surgem expressões idênticas em latim<sup>236</sup>. Encontram-se frases paralelas<sup>237</sup> e também imagens parecidas<sup>238</sup>. São feitas analogias semelhantes<sup>239</sup> e referidos ditados de origem popular similares<sup>240</sup>. É a mesma atitude do autor, em *O Conceito de Angústia* e em *Prefácios*<sup>241</sup> e a atitude de ignorância é acentuada em as *Migalhas* e em *Prefácios*<sup>242</sup>. São referidas as mesmas figuras<sup>243</sup>. Nas *Migalhas*, Sócrates é central, mas também é lembrado em *O Conceito de Angústia*. São mencionadas as mesmas personagens dramáticas<sup>244</sup>; referem-se as mesmas polémicas da época<sup>245</sup>. A problemática do casamento está, como sempre, presente<sup>246</sup>.

Concluindo: Em *Prefácios* sublinha-se a posição do autor exposto ao público e a condição da escrita como actividade assediada, defendendo-se o refúgio na interioridade e a fuga à influência massificadora; também, nas obras de 1844, se verifica a mesma insistência em relação à actividade do pensamento interior.

<sup>235</sup> Vd. SKS 4, 305: Em as *Migalhas Filosóficas*: «Escrever um ensaio é pois imprudência – mas prometer o sistema é seriedade». Vd. SKS 4, 356: Em *O Conceito de Angústia*: «[...] porque a preocupação notória da inteira comunidade e a procura no sistema [...] em encontrar um lugar [...]».

<sup>236</sup> Vd. SKS 4, 525/ *Prefaces*, 65, por exemplo em *Prefácios*, *pium desiderium*; Vd. SKS 4, 317, na introdução de *O Conceito de Angústia*; Vd. SKS 4, 317 em *In Vino Veritas*.

<sup>237</sup> Vd. SKS 4, 324, onde, por exemplo, a expressão «o tempo ou a ocasião» do título de *Prefácios* é referido em *O Conceito de Angústia*.

<sup>238</sup> Vd. SKS 4, 473/ *Prefaces*, 9 onde, por exemplo, o Rei Nabucodonosor, é referido na conversa pela mulher de Notabene; também é referido em *O Conceito de Angústia*. Vd. SKS 4, 356. Vd. SKS 4, 483/ *Prefaces*, 20: Em *Prefácios*, Heiberg é hábil no jogo «trapo queimado», que é igualmente referido em *O Conceito de Angústia*. Vd. SKS 4, 356. Vd. SKS 4, 271, em *Migalhas Filosóficas*, a imagem «correr [...] com o pau com visco» é a mesma que Notabene usa para referir informações à toa. Vd. SKS 4, 500/ *Prefaces*, 38.

<sup>239</sup> Por exemplo, a figura do barbeiro que surge repetidas vezes em *Prefácios*. Vd. SKS 4, 477, 479, 484/ *Prefaces*, 13, 15, 21. O mesmo acontece em *Migalhas Filosóficas*. Vd. SKS 4, 302.

<sup>240</sup> Encontramos em *O Conceito de Angústia* referência ao ditado «do coração para a boca». Vd. SKS 4, 426, que também surge em *Prefácios*. Vd. SKS 4, 473/ *Prefaces*, 10.

<sup>241</sup> A posição difícil de Notabene, que não pode escrever em casa, e que no final não pretende nada mais se não entender alguma coisa, tem paralelo no prefácio de *O Conceito de Angústia*, onde o autor se declara semelhante a um monarca sem reino, mas também a um autor sem grandes exigências. Vd. SKS 4, 313/314.

<sup>242</sup> Segundo a *Propositio* em as *Migalhas Filosóficas* «a pergunta é colocada por um ignorante [...]», tal como no Prefácio VIII, é sublinhada a ignorância de Notabene.

<sup>243</sup> Vd. SKS 4, 324: Na introdução a *O Conceito de Angústia*, Heiberg também é referido negativamente, assim como o presente de Ano Novo, tal como em *Prefácios*.

<sup>244</sup> Por exemplo, Salomon Goldkalb é referido nas *Migalhas Filosóficas*, Vd. SKS 4, 216, tal como o é em *Prefácios*, Vd. SKS 4, 486/ *Prefaces*, 23.

<sup>245</sup> Por exemplo, a prova da imortalidade da alma em *O Conceito de Angústia*. Vd. SKS 4, 440, e em as *Migalhas Filosóficas*, Vd. SKS 4, 219.

<sup>246</sup> A tentativa de ser um marido exemplar é referida em *O Conceito de Angústia*, Vd. SKS 4, 441, e o mote de as *Migalhas Filosóficas* refere a citação de Shakespeare segundo a qual mais vale ser bem enforcado do que mal casado.

### 3. A existência cristã e o sacrifício

Poderíamos argumentar que Notabene pretenderia que o seguimento da sua obra fosse a existência real do leitor, propiciando espaço para que este pudesse encontrar um modo de praticar a sua verdade subjectiva. Há na obra um convite implícito a continuar o que foi iniciado, um convite à procura do eu interior, apesar do caminho poder ser sinuoso<sup>247</sup>, tendo em vista os muitos temas que apresenta.

De acordo com Hugh S. Pyper, toda a obra de Kierkegaard, e mesmo a sua vida, pode ser vista como um prefácio àquilo que não pode ser escrito – o encontro com Deus em Cristo<sup>248</sup>; em consequência disto, *Prefácios* pode ser lido como uma metonímia de toda a obra de Kierkegaard e como metonímia da existência deste autor e do seu intento<sup>249</sup>.

A categoria do indivíduo é importante para Kierkegaard, que compreende a existência individual e o indivíduo numa posição limítrofe, entre a pressão exterior pública e o chamamento interior. O indivíduo pode e deve fazer uma escolha, deve querer escolher, individual, livre e independentemente, assumindo na prática a ética da sua singularidade, de forma pessoal e apaixonada; o compromisso e o risco são essenciais para uma existência autêntica.

*Prefácios* inicia-se com uma escolha diferente da do próprio Kierkegaard, que rompeu o noivado e se tornou autor de muitos livros. Notabene escolhe o casamento, escrevendo prefácios, e evita o divórcio deixando de escrever livros. Em *Prefácios* o casamento é perspectivado numa sociedade e numa religião institucional, e a mulher de

---

<sup>247</sup> Lembro aqui a referência final de Notabene: «[...] prossigo no meu tortuoso percurso pelos caminhos do pensamento», vd. *SKS* 4, 526 / *Prefaces*, 67.

<sup>248</sup> Hugh S. Pyper «Promising Nothing: Kierkegaard and Stanislaw Lem on Prefacing the Unwritten», *International Kierkegaard Commentary* vols. 9-10, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, p.67

<sup>249</sup> Idem, p. 84

Notabene menciona as normas de conduta cristãs, conforme o ensino da igreja luterana, ou de acordo com o pequeno catecismo de Lutero, e a doutrina de Balle<sup>250</sup>.

Nos parágrafos seguintes de *Prefácios*, a escolha de uma posição ética do autor, sujeito à exposição pública, aos mexericos da sociedade e às críticas dos jornais, assenta na questão fundamental da filosofia de Kierkegaard – a posição do indivíduo perante Deus<sup>251</sup>. No Prefácio VII, a decisão tomada é a de querer entender-se a si próprio, ajudar-se a si próprio, procurar instrução, dedicar-se ao lento e laborioso processo do desenvolvimento. Notabene não pretende um corte com os seus semelhantes, preconiza ao invés a compaixão, e nesta inclinação interior afasta-se do saber objectivo, procurando uma verdade que não lhe pede quaisquer provas, nem as da imortalidade da alma. O autor aponta para a atitude de seriedade necessária para se responsabilizar a si próprio, e para a importância da vontade e da acção, porque a autenticidade só é possível, assumindo-se a existência enquanto indivíduo, adquirindo responsabilidade. Notabene permite-se colocar em dúvida a própria dúvida, já que «[e]sta dúvida não se conquista no sistema, mas na vida»<sup>252</sup>. Sendo a dúvida o desespero do pensamento, e o desespero a dúvida da personalidade, a fé é para Kierkegaard a maior paixão do homem. Opondo-se à racionalização do cristianismo, Kierkegaard interessa-se pela fé, ao invés de Hegel, que se interessa pelo conceito filosófico, e para quem as verdades cristãs se transformam em ciência, e deixam de ser algo de pessoal. Hegel pretende elevar o particular ao universal, abolindo o imediato<sup>253</sup> para atingir o ideal da verdade, enquanto Kierkegaard considera que o imediato é a realidade, e associa o saber autêntico ao sofrimento, que é considerado uma qualificação da

---

<sup>250</sup> «Balles Lærebog» [Doutrina de Balle], de 1791, era a designação popular da obra *Lærebog i den evangelisk christelige Religion*, København, 1791, da autoria de Nicolai Edinger Balle (1744-1816) e Christian Bastholm (1740-1819); era uma adaptação dinamarquesa do pequeno catecismo de Lutero.

<sup>251</sup> Também Sócrates foi castigado, Cristo foi crucificado, e Kierkegaard, que construiu a sua existência em Cristo, foi de igual modo publicamente humilhado nos jornais.

<sup>252</sup> SKS 4, 510/ *Prefaces*, 49.

<sup>253</sup> Vd. nota acima 169.

interioridade, como o mistério divino da existência humana que liga o indivíduo a Deus. De certo modo, a expressão usada no Prefácio VIII, «ganhar, perdendo»<sup>254</sup>, poderia caracterizar a posição existencial de Kierkegaard, porque ele optou por Cristo, e pela via do sacrifício, da solidão e até do silêncio neste mundo, escolhendo assim a recompensa na vida eterna, na medida que ele próprio parecia considerar como incompatíveis o cristianismo e o casamento. A difícil relação entre o casamento e a prática filosófica é ilustrada no prefácio inicial onde o bem-estar de ambos os intervenientes é posto em causa, já que o casamento está de acordo com a tradição social, os seus usos e costumes<sup>255</sup>, que são tão variáveis como o tempo e o vento. Na Biblioteca Real de Copenhaga, no arquivo onde estão guardados os manuscritos de Kierkegaard, lê-se o que Kierkegaard escreveu em diagonal debaixo do título do manuscrito de *Prefácios*: «O bem-estar do estado depende da família, o bem-estar da família depende do casamento, ergo *Ou-Ou*»<sup>256</sup>. Este bem-estar é posto em causa na vida conjugal de Notabene.

Três anos antes, em 1841, Kierkegaard defende a sua tese, rompe o noivado, parte para Berlim e inicia realmente a sua carreira de autor com a escrita de *Ou-Ou*. Muito se especulou sobre o que Kierkegaard escreveu no seu diário, que refere aquilo a que chamou «o grande tremor de terra»<sup>257</sup>; a nota não é datada, mas terá sido provavelmente escrita

---

<sup>254</sup> SKS 4, 515 / *Prefaces*, 55.

<sup>255</sup> Em meados do século XIX, a posição social, política e conjugal da mulher estava na ordem do dia e era objecto de debate na sociedade dinamarquesa onde a mulher não tinha direito de voto nem acesso ao *Studentereksam* [prova de acesso a estudos superiores]. A discórdia girava realmente em volta da emancipação da mulher que por contrato matrimonial estava submetida ao homem.

<sup>256</sup> Também a ver nos diários: *Pap.* V B 73-75 *n.d.*, 1844.

<sup>257</sup> Vd. SKS 27, 291, 23/ *Pap* 305:3: «Foi então que aconteceu o grande tremor de terra, a terrível alteração, que me impôs de súbito uma nova e infalível norma de interpretação para todos os fenómenos. Percebi então que a idade avançada do meu pai não era uma bênção divina, antes uma maldição; percebi que os excelentes talentos de espírito da nossa família só perduravam para aflição mútua, senti então o silêncio da morte crescer à minha volta, quando via no meu pai um infeliz que sobreviveria a todos nós, uma cruz tumular sobre a tumba de todas as suas próprias expectativas. Tinha de pesar uma culpa sobre toda a família, um castigo de Deus tinha de se abater sobre ela; havia de a fazer desaparecer, de a aplanar pela mão poderosa de Deus, de ser aniquilada como uma tentativa falhada, e somente de vez em quando encontrava alívio no pensamento de o meu pai ter tido o pesado dever, por via do consolo da religião, de nos acalmar, de nos transmitir a todos, que, mesmo se um mundo melhor se abrisse à nossa frente, ainda que tudo nele perdêssemos, ainda que o castigo nos atingisse, tal como os judeus sempre desejaram que caísse sobre os seus inimigos: a nossa memória havia de ser totalmente apagada, não seríamos descobertos.»



entre o Outono de 1843 e Janeiro de 1845<sup>258</sup>, colocando-nos justamente no ano da publicação de *Prefácios*, em 1844. Apesar de Kierkegaard também ter escrito no diário<sup>259</sup> que depois da sua morte ninguém encontraria nos seus escritos qualquer informação sobre o que realmente perfazia a sua existência, o que seria o segredo da sua vida, Leif Bork Hansen publicou um livro<sup>260</sup> que expõe a curiosa teoria de que Kierkegaard sofreria de epilepsia do lobo temporal, de acordo com a sintomatologia característica que aponta para uma escrita compulsiva, um interesse acentuado por temas religiosos e filosóficos, a ideia de ter uma missão, de ter tido uma revelação, uma personalidade com manifesta insistência e irritabilidade. Há testemunhos de conhecidos de Kierkegaard que teriam presenciado ataques em que ele tombava no chão, mas que eram mantidos secretos a seu pedido. O médico de Kierkegaard desaconselhava o casamento e as leis da época colocavam a epilepsia a par da lepra e da sífilis. Ao amigo Boesen terá dito, antes de morrer, que o espinho na carne<sup>261</sup>, com que viveu, o impediu de casar e de ocupar uma função eclesiástica, pelo que se teria assim tornado uma exceção. Demonstrou muito interesse pela experiência religiosa de Adler<sup>262</sup>, que explicava da seguinte forma: Adler teria transformado o monólogo interior num diálogo, falando consigo mesmo de tal modo que, desse mesmo eu, teria nascido um segundo ser com consistência exterior própria, reduplicando-se a si próprio. Tal explicação lembra curiosamente a multiplicação de Kierkegaard nos seus muitos pseudónimos, que interagem e dialogam entre si, e mostra uma quase familiaridade de Kierkegaard com a condição. Também a hipergrafia de Adler o

---

<sup>258</sup> Vd. SKS K 18, 212.

<sup>259</sup> Vd. SKS 18, JJ: 95: «Depois da minha morte ninguém haverá de encontrar nos meus manuscritos (é a minha consolação) uma única informação sobre o que *realmente* preencheu a minha vida; não haverá de encontrar o texto escrito no meu íntimo, que explica tudo, e que frequentemente transforma em acontecimentos de enorme importância para mim aquilo a que o mundo chama banalidades, e que eu considero insignificâncias quando eu retiro a nota secreta que explica tudo.»

<sup>260</sup> Leif Bork Hansen: *Søren Kierkegaards hemmelighed og eksistensdialektik* [O Segredo de Søren Kierkegaard e a Dialéctica da Existência]. København: C. A. Reitzel, 1994.

<sup>261</sup> Paulo 2 Cor 12.

<sup>262</sup> Hoje, a psiquiatria moderna fala de psicose, fenómeno de frequente ocorrência nos pacientes com epilepsia temporal.

interessava, e confiou a um seu sobrinho que ele próprio, uma vez com a pena na mão, poderia escrever indefinidamente. Se soube, aos vinte e cinco anos, a natureza do seu mal, terá por certo reconsiderado a sua vida, perspectivando-a de um modo diferente.

Assim, com a sua vida cortada, talvez Kierkegaard adopte a visão entrecortada dos episódios que tão bem conhece, se torne um coleccionador de instantes, e use esta descontinuidade na forma de uma escrita fragmentada e fragmentária. Não partilha o optimismo de Hegel que quer estabelecer unidade na existência por intermédio da razão; só a fé em Cristo pode opor-se às divergências da existência e conferir harmonia de modo paradoxal, porque a fé não é uma forma de conhecimento, é um acto de liberdade. Assim, na filosofia de Kierkegaard, a relação do ser humano com o mundo é dominada pela angústia, a relação consigo mesmo é marcada pelo desespero, e a relação com Deus ocorre no paradoxo. Kierkegaard é forçado a existir, a destacar-se, a ir mais além de Sócrates, mais além do autoconhecimento, a passar da esfera do ético para o religioso. Ao seguir uma existência ética, aproxima-se do religioso e considera que a autenticidade da sua existência é a liberdade de agir de acordo consigo mesmo. Toda a sua obra passa a estar ao serviço de uma única coisa: esclarecer a natureza do cristianismo, que é a única via de acesso a Deus apesar de ser uma via de provação, de paixão. Quando Cristo é o modelo, o cristão que o segue não é um homem de sucesso, mas um homem que sofre. Porém o cristão não é só um sofredor, também é um humorista porque, como Kierkegaard escreve «o humorista tem sempre muito tempo, porque tem o muito tempo da eternidade por detrás de si»<sup>263</sup> e diz ainda que «o cristianismo é *summa summarum* humor»<sup>264</sup>. A escolha existencial de Kierkegaard, que se reflecte na sua vida e na sua escrita, passa por um corte radical com qualquer relação de dependência com a sociedade, sem por isso deixar de continuar a vigiá-la, conforme o indica o pseudónimo de Vigilius Haufniensis, ou deixar de lhe fazer reparos,

---

<sup>263</sup> SKS 7, 547.

<sup>264</sup> SKS 7, 542.

tal como Notabene. A obra *Prefácios* reporta-se à realidade da existência moderna, que preocupava Kierkegaard, com o crescente desenvolvimento da imprensa e das associações, e que relegava o homem cada vez mais à passividade, a uma adesão à opinião das massas, à perda da fé. A controvérsia com o meio contemporâneo vai remetendo Kierkegaard para o isolamento e até para o silêncio, como forma última de comunicação – com Deus (tal como em Abraão na obra *Temor e Tremor* de Johannes de Silentio), porque o silêncio é fidelidade a si mesmo a partir do momento em que a exterioridade deixa de ser critério de avaliação.

Concluindo: A atitude existencial de Notabene é, em certa medida, a mesma de Kierkegaard: «ganhar, perdendo», e *Prefácios* é uma obra que aponta para a condição extrema do homem, forçado a fazer uma escolha radical entre o mundo exterior e o mundo interior, se quiser ter fé em vez de dúvida e afirmar a sua liberdade.

Assim como os *Prefácios*, sem livros, nos levam aos limites da literatura, a tensão entre a realidade e o singular leva o homem aos seus limites. Os sinais que Kierkegaard deixa através das suas muitas vozes apontam todos para o mesmo caminho e para o mesmo fim: a intenção de edificar, de desenvolver o singular. Com a sua filosofia fragmentária cria uma tensão que leva o leitor a uma tomada de posição, a uma escolha existencial, abandonando aquilo que ele mais detestava: a ideia de maioria, de massa. O leitor é assim induzido a inverter o caminho de fuga para o do encontro consigo próprio.

# BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

### Edições dinamarquesas:

- *Søren Kierkegaards Skrifter*, eds. Niels Jørgen Cappelørn, Joakim Garff, Anne Mette Hansen e Johnny Kondrup. København: Gads forlag (referido nas notas como **SKS**, seguido do número do volume).

*Søren Kierkegaards Skrifter*, versão electrónica 1.6. ed. Karsten Kynde. red. Niels Jørgen Cappelørn, Joakim Garff, Johnny Kondrup, Karsten Kynde, Tonny Aagaard Olesen e Steen Tullberg. København: Søren Kierkegaard Forskningscenteret 2012.

SKS 1: *Af en Endnu Levendes Papirer. Om Begrebet Ironi*

SKS 2: *Enten-Eller. Første Deel*

SKS 3: *Enten-Eller. Anden Deel*

SKS 4: *Gjentagelsen. Frygt og Bæven. Philosophiske Smuler. Begrebet Angest. Forord.*

SKS 5: *To Opbyggelige Taler 1843. Tre Opbyggelige Taler 1843. Fire Opbyggelige Taler 1843. To Opbyggelige Taler 1844. Tre Opbyggelige Taler 1844. Fire Opbyggelige Taler 1844. Tre Taler ved tænkte Lejligheder.*

SKS 6: *Stadier paa Livets Vei*

SKS 7: *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift*

- *Samlede Værker*, ed. electrónica de Alistair McKinnon (InteLex, Past Masters: Charlottesville, 1990), baseado em *Samlede Værker*, ed. B. Drachmann, J. L. Heiberg, H. O. Lange, rev. Peter P. Rohde, 3ª ed., København: Gyldendal, 1962-64.

- *Søren Kierkegaards Papirer*, udg. af P.A. Heiberg, V. Kuhr og E. Torsting, bd. I-XI, København: Gyldendal, 1909-38 (referido nas notas como **Pap.** seguido da numeração nessa edição).

\*\*\*

### Edições inglesas:

*Søren Kierkegaard's Writings* ed. and trans. by Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton N.J.: Princeton University Press, 25 vols.

Kierkegaard, Søren, *Prefaces / Writing Sampler. Kierkegaard's Writings*. Princeton N.J.: Princeton University Press IX, ed. and transl. by Todd W. Nichol. Princeton N.J.: Princeton University Press, 1997 (referido nas notas como **Prefaces**).

\_\_\_\_\_, *Philosophical Fragments, or a Fragment of Philosophy/Johannes Climacus, or De omnibus dubitandum est, Kierkegaard's Writings VII*, ed. and trans. by Howard V. Hong and Edna H. Hong. Princeton N.J.: Princeton University Press, 1985.

\_\_\_\_\_, *The Concept of Anxiety: A Simple Psychologically Orienting Deliberation on the Dogmatic Issue of Hereditary Sin, Kierkegaard's Writings VIII*, ed. and trans. by Reidar Thomte, Princeton N.J.: Princeton University Press., 1981.

\_\_\_\_\_, *The Concept of Irony, with Continual Reference to Socrates/Notes of Schelling's Berlin Lectures*, *Kierkegaard's Writings* II, ed. and trans. by Howard V. Hong and Edna H. Hong. Princeton N.J.: Princeton University Press, 1989.

\_\_\_\_\_, *Either-Or*, *Kierkegaard's Writings* III –IV, ed. and trans. by Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton N.J.: Princeton University Press, 1987.

\_\_\_\_\_, *Eighteen Upbuilding Discourses*, *Kierkegaard's Writings* V, ed. and trans. by Howard V. Hong and Edna H. Hong. Princeton N.J.: Princeton University Press, 1990.

\_\_\_\_\_, *From the Papers of One Still Living in Early Polemical Writings*, *Kierkegaard's Writings* I, ed. and trans. with intr. and notes by Julia Watkins. Princeton N.J.: Princeton University Press, 1987.

\_\_\_\_\_, *The Point of View*, *Kierkegaard's Writings* XXII, ed. and trans. with intr. and notes by Howard V. Hong and Edna H. Hong. Princeton N.J.: Princeton University Press, 1998.

\_\_\_\_\_, *Stages on Life's Way: Studies by Various Persons*, *Kierkegaard's Writings*, XI, ed. and trans. with intr. and notes by Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton: N.J.: Princeton University Press, 1988.

\_\_\_\_\_, *Fear and Trembling/Repetition*, *Kierkegaard's Writings* VI, ed. and trans. with intr. and notes by Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton: N.J.: Princeton University Press, 1983.

*Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. *Kierkegaard's Writings*, ed. and trans. by Howard V. Hong and Edna H. Hong, assisted by Gregor Malantschuk, index by N. Hong and C. Barker. Bloomington and London: Indiana University Press, 1967-78. 2nd ed. 1999. (Edição electrónica IntelLex, Past Masters: Charlottesville) (referido nas notas como **JP**).

\*\*\*

### **Edições portuguesas:**

\_\_\_\_\_, *Temor e Tremor*, trad., intr. e notas Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

\_\_\_\_\_, *A Repetição*, trad., intr. e notas José Miranda Justo. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

\_\_\_\_\_, *In Vino Veritas*, trad., posfácio e notas José Miranda Justo. Lisboa: Antígona 2005.

## BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:

BERTUNG, Birgit, *Om Kierkegaard, kvinder og kærlighed – en studie i Søren Kierkegaards kvindesyn* [Sobre Kierkegaard, mulheres e amor – um estudo sobre a perspectiva do feminino em Kierkegaard]. København: C. A. Reitzel Forlag, 1987.

CRITES, Stephen, «The Unfathomable Stupidity of Nicolaus Notabene», *International Kierkegaard Commentary*, vol. 9-10, Prefaces and Writing Sampler and Three Discourses on Imagined Occasions, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 29-40.

ELIAS, Camelia, *The Fragment: Towards a History and Poetics of a Performative Genre*, Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2004.

\_\_\_\_\_, «The Fragment: Ten Thesis on the Fragment», in *Respiro - Fast Forward Culture*, nº. 10. Aalborg, 2003.

FERGUSON, Harvie, «Before the Beginning: Kierkegaard's Literary Hysteria», *International Kierkegaard Commentary*, vol. 9-10, Prefaces and Writing Sampler and Three Discourses on Imagined Occasions, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 41-66.

FERREIRA, Jamie, *Kierkegaard*. Malden / Oxford: Willey-Blackwell 2009.

FERREIRA, Manuel J. Carmo, *Introdução a Prefácios de G.W. F. HEGEL*, Lisboa, 1990 (referido nas notas como **Carmo Ferreira**).

GARFF, Joakim, *Søren Kierkegaard. A Biography*, trad. Bruce Krimmse. Princeton: Princeton University Press 2005.

HAY, Sergia Karen, «Hamann: Sharing Style and Thesis: Kierkegaard's Appropriation of Hamann's Work», *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources, Kierkegaard and his German Contemporaries*, Vol. 6, Tome III. Aldershot: Ashgate 2009, pp. 97-112.

HANSEN, Leif Bork, *Søren Kierkegaards hemmelighed og eksistensdialektik*, [O segredo de Søren Kierkegaard e a dialéctica da existência] København: C. A. Reitzel Forlag, 1994.

HANSEN Heidi, HANSEN L. B., «The temporal lobe epilepsy syndrome elucidated through Søren Kierkegaard's authorship and life». *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 77 (3): 352-8. Department of Psychiatry, Rigshospitalet, Copenhagen, March 1988.

HAMANN, Johann Georg, *Memoráveis Socráticas*, tradução, notas, cronologia e posfácio de José M. Miranda Justo. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999 (referido nas notas como **Memoráveis Socráticas**).

HEGEL, G.W.F., *Prefácios*, tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda 1990.

HERACLITUS, *The Complete Fragments*, trans. and com. and the Greek text by William Harries, in *Humanities and the Liberal Arts: Greek Language and Literature*: Middlebury College, 1994 – <http://community.Middlebury.edu/~harris/Philosophy/heraclitus.pdf>. (consultado em 7/09/2012).

HIMMELSTRUP, Jens: *Søren Kierkegaards opfattelse af Sokrates* [A Percepção de Sócrates por Søren Kierkegaard]. København: Arnold Busck, 1924.

HOHLENBERG, Johannes, *Søren Kierkegaard*. København: Aschehoug Dansk Forlag, 1963.

HOWLAND, Jacob, *Kierkegaard and Socrates. A Study in Philosophy and Faith*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

JUSTO, José Miranda, «Posfácio: Polinómio-Kierkegaard, apresentação de um segmento de experimentação em pensamento» in S. Kierkegaard, *In Vino Veritas*, trad. J. Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2005, pp. 175-97.

\_\_\_\_\_, «Um Agros a Norte. J. G. Hamann: a experiência da singularidade e periferia da literatura» in *Memoráveis Socráticas*, trad. J. Miranda Justo. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999, pp. 99-174.

KÆJLDGAARD, Lasse Horne, «The Age of Miscellaneous Announcements: Paratextualism in Kierkegaard's Prefaces and Contemporary Literary Culture», *Prefaces and Writing Sampler and Three Discourses on Imagined Occasions, International Kierkegaard Commentary*, vol. 9-10, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 7-28.

KRIMMSE, Bruce, *Kierkegaard in Golden Age Denmark*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LAERTIUS, Diogenes, *Lives of Eminent Philosophers: Life of Heraclitus*, translated by Robert Drew Hicks, in The Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1925.

PATTISON, George, «Johan Ludvig Heiberg: Kierkegaard's Use of Heiberg as a Literary Critic», *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources, Kierkegaard and his Danish Contemporaries*, red. Jon Stewart, Vol. 7 Tome III. Aldershot: Ashgate 2009, pp.169-87.

PERKINS, Robert L., «Reading Kierkegaard's Prefaces with "Continual Reference to Socrates"», *Prefaces and Writing Sampler and Three Discourses on Imagined Occasions, International Kierkegaard Commentary*, vol. 9-10, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 111-138

PETERSON, Marc C. E., «Ringling Doorbells: Eleventh Books and Authentic Authorship in Preface VII», *Prefaces and Writing Sampler and Three Discourses on Imagined Occasions, International Kierkegaard Commentary*, vol. 9-10, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 87-110.

PURKARTHOFFER, Richard, *Kierkegaard*, Leipzig: Reclam Verlag, 2005.

PYPER, Hugh S., «Promising Nothing: Kierkegaard and Stanislaw Lem on Prefacing the Unwritten», *Prefaces and Writing Sampler and Three Discourses on Imagined Occasions, International Kierkegaard Commentary*, vol. 9-10, ed. Robert L. Perkins. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006, pp. 67- 86.

RIFFATERRE, Michael, *Fictional Truth*, Baltimore, London: The John Hopkins University Press, 1990.

SCHLEGEL, Friedrich, «Lyzeums-Fragmente» in *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe. Erste Abteilung: Kritische Neuausgabe, Band 2*, München, Paderborn, Wien, Zürich 1967, p. 147-164.

STEWART, Jon, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_, «Johan Ludvig Heiberg: Kierkegaard's Criticism of Hegel's Danish Apologist», *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources. Kierkegaard and his Danish Contemporaries*, red. Jon Stewart, Vol. 7, Tome I. Aldershot: Ashgate 2009, pp. 35- 71.

\_\_\_\_\_, «Hegel: Kierkegaard's Reading and Use of Hegel's Primary Texts», *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources, Kierkegaard and his German Contemporaries*, red. Jon Stewart, Vol. 6, Tome I. Aldershot: Ashgate 2009, pp. 97- 140.

SØRENSEN, Ivan Ž., «Om begrebet humor – med stadigt hensyn til Kierkegaard» [Sobre o Conceito de Humor – com constante referência a Kierkegaard], *Dansk Noter*, 2/2003. Frederiksberg: Dansk Lærerforening 2003.

SOUZA Maria Cristina dos Santos de Sousa, «O fragmento ou aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche» in *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, 1º semestre de 2008, vol. I, nº1, Rio de Janeiro, p.77 – <http://www.tragica.org/edicoes-antiores/no-01/> (consultado em 7/09/2012).

THOMPSON, Curtis L., «Hans Lassen Martensen: a Speculative Theologian Determining the Agenda of the Day», *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources, Kierkegaard and his Danish Contemporaries*, red. Jon Stewart, Vol. 7, Tome II. Aldershot: Ashgate 2009, pp. 229-66.

TOLSTRUP, Christian Fink, «Jacob Peter Mynster: A Guiding Thread in Kierkegaard's Authorship? », *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources, Kierkegaard and his Danish Contemporaries*, red. Jon Stewart, vol. 7, Tome II. Aldershot: Ashgate 2009, pp. 267-87.

TOPA, Helena, «Das fronteiras do género às fronteiras discursivas: aforismo, fragmento e ensaio», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 11, Lisboa: Edições Colibri, 1998.

TUDVAD, Peter, *Kierkegaards København*. København: Politikens Forlag 2004.

---